

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

**CARLOS ROBERTO SPIAZE**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO:  
A Experiência Religiosa como meio  
para a regulação e proteção do uso  
abusivo de substancias psicoativas.**

São Paulo  
2013

CARLOS ROBERTO SPIAZE

A Experiência Religiosa como meio  
para a regulação e proteção ao uso  
abusivo de substâncias psicoativas.

Trabalho apresentado à Universidade  
Presbiteriana Mackenzie, como requisito  
para obtenção do título Mestre em  
Ciências da Religião.

Orientadora: Profa. Dra. Cátia Cilene Lima Rodrigues

São Paulo  
2013

S754e Spiaze, Carlos Roberto

A experiência religiosa como meio para regulação e  
proteção do

uso abusivo de substâncias psicoativas / Carlos Roberto  
Spiaze –

2013.

101 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade  
Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013.

Orientador: Profa. Dra. Cátia Cilene Lima Rodrigues

Bibliografia: f. 97-101

1. Religião 2. Espiritualidade 3. Saúde mental I. Título

**LC BV4012**

CARLOS ROBERTO SPIAZE

A Experiência Religiosa como meio  
para a regulação e proteção ao uso  
abusivo de substâncias psicoativas.

Trabalho apresentado à Universidade  
Presbiteriana Mackenzie, como requisito  
para obtenção do título Mestre em  
Ciências da Religião.

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Profa. Dra. Cátia Cilene Lima Rodrigues  
(Universidade Presbiteriana Mackenzie)

---

Prof. Dr. Antônio Maspoli de Araujo Gomes  
(Universidade Presbiteriana Mackenzie)

---

Profa. Dra. Fátima Fontes  
(Universidade de São Paulo)  
**AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pela dádiva da vida e possibilidade de crescer no conhecimento.

À minha esposa, Patrícia, que tanto me apoiou e incentivou e pelos momentos de silêncio em minhas horas de estudo.

Aos professores do curso de pós-graduação pela a competência em nos transmitir seus conhecimentos, e, em especial a minha orientadora, Dra. Cátia, pela paciência, compreensão e apoio.

À minha amiga Daniela que prestou o precioso serviço de revisar este texto.

Aos companheiros de curso pela troca de experiências, aprendizados e ideias.

Enfim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para obtenção deste título.

## Resumo:

SPIAZE, Carlos Roberto. Experiência Religiosa como um meio para a regulação o uso e abuso de proteção de substâncias psicoativas. A Universidade Presbiteriana de São Paulo 2013.

Esta pesquisa tem como temática central a relação entre a religião, o uso de substâncias psicoativas e os conceitos de enfermidade e doença e busca investigar se a religião é fator de regulação e controle do consumo abusivo de substâncias psicoativas. Este trabalho demonstra que os conceitos que envolvem as temáticas estudadas são resultados de uma construção histórica e cultural, realizada pelas diversas forças atuantes na sociedade, além disto, o fenômeno que se observa hoje, quanto ao uso abusivo de substâncias psicoativas, resulta do esvaziamento de significado existencial da sociedade, que afeta tanto os seus relacionamentos interpessoais como também seus elementos culturais, dentre eles, as substâncias psicoativas. Valendo-se do método de investigação bibliográfica, este trabalho realizou uma construção teórica que aponta para uma possível ação de se tentar equacionar este problema de saúde mental, com o restabelecimento de significado dos relacionamentos e dos elementos culturais, mostrando que a religião, ainda que diversas vezes manifestada patologicamente, quando expressado pela experiência religiosa e espiritual profunda, pode significar fator de proteção ao uso abusivo destas substâncias. A condição social e simbólica que o sujeito encontra no trato religioso possibilitará um ambiente mais adequado ao ser humano, que é um ser simbólico e que necessita de significados para um desenvolvimento saudável de todos os seus aspectos.

**Palavras chaves:** Religião; Espiritualidade; Uso de substâncias psicoativas; Saúde mental.

## Abstract:

SPIAZE, Carlos Roberto. Religious Experience as a means to regulate the use and protection abuse of psychoactive substances. The Presbyterian University of São Paulo, 2013.

The central theme in this research is the relation between religion, the use of psychoactive substances and the concepts of infirmities and illnesses and seeks to investigate religion as a regulating and controlling factor regarding the abusive use of psychoactive substances.

This work demonstrates that the concepts comprehending the researched themes result from a historical and cultural construction effectuated by diverse powers acting on human society. Besides, the observed nowadays phenomena of abusive use of psychoactive substances originates from the emptying of existential meaning in human society, what affects both its interpersonal relationships and also its cultural elements, here included the psychoactive substances.

Based on the bibliographic investigative method, this work has realized a theoretical construction that points to a possible attempt to set out this mental health issue by reestablishing the meaning of both the relationships and the cultural elements, and also showing that religion, even when pathologically manifested, may be a factor of prevention to the abusive use of such substances as it expresses a deep and religious experience.

The social and symbolic condition found by the individual in the religious deal will make possible a more suitable environment to the human being, who is a symbolic being and needs signification to provide a healthy development of all its aspects.

Key Words: Religion, Spirituality, Psychoactive substance use, mental health.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	01
CAPITULO 1: RELIGIÃO, O USO ABUSIVO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS E SAÚDE MENTAL: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA.....	05
CAPITULO 2: EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E SEU IMPACTO NA VIDA HUMANA .....	32
CAPITULO 3: ASPECTOS PATOLÓGICOS DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS .....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	90
REFERENCIAS BIBLIOGRAFIA .....	97

## INTRODUÇÃO

Este tema surge como interesse de pesquisa a partir da experiência pessoal de seu autor, que, cresceu em um meio social no qual o uso de substâncias psicoativas era muito comum, e que em sua memória traz a recordação de que a relação entre estas substâncias e as pessoas era diferente do panorama atual. A iniciação no uso destas substâncias, naqueles dias, pelo menos dentro deste limite de convívio, não se dava pelo aliciamento ou convencimento do não usuário pelo usuário ou traficante.

Jogava-se futebol, conversava-se com os usuários que eram amigos mas, no entanto, não acontecia o convite para o uso daquelas substâncias. Em geral, observava-se que as pessoas que se envolviam com o uso de substâncias psicoativas vinham de um desajuste familiar e distanciamento religioso, e de certa forma, se auto iniciavam voluntariamente.

Mesmo entre os usuários, se percebia o respeito, e aqueles que se delinquiram ao ponto de se envolver em crimes, como roubo e furto, não cometiam nos locais em que moravam. A cultura que existia não era a do medo, que hoje se observa dentro de nossa sociedade.

Atualmente vive-se outro contexto, os vínculos sociais perderam o significado e as pessoas não mais se importam com o outro, e por isso agem sem limites, violentamente, inclusive contra aqueles que são próximos. Muitas vezes, por não encontrarem significados em suas vidas e relacionamentos, as pessoas buscam no uso abusivo da substância psicoativa um lenitivo para uma vida frustrante. Com isto, o uso abusivo dessas substâncias prolifera.

A proliferação do uso e o tipo de relação que o usuário tem com a substância psicoativa resultam do tipo de mentalidade desenvolvida na atualidade, focada no prazer, com seus valores morais voltados para o que é instintivo. Esta mentalidade foi construída nas últimas décadas, através de um pensamento antirreligioso, no qual a religião foi relacionada a problemas patogênicos e seus posicionamentos ridicularizados através da mídia. Dentro desta postura antirreligiosa, não foi considerado que a desconstrução da religiosidade produziria vários efeitos colaterais, que são evidenciados na

sociedade de hoje, como a proliferação do uso de substâncias psicoativas de forma prejudicial ao indivíduo e a própria sociedade.

Este aumento do uso abusivo destes elementos psicoativos tem despertado os governos para o problema, que vai além da questão de segurança e passa a ser considerada também uma questão de saúde pública. Estas duas formas de considerar este problema irão estabelecer as inúmeras intervenções do Estado para coibir a distribuição destas substâncias e recuperar as pessoas vitimadas.

São estabelecidas políticas que visam a substituição de substâncias de maior poder por outras de menor poder ofensivo. São estabelecidos os CAPSs (Centro de Amparo Psicossocial), com o objetivo de dar tratamento a pessoas dentro do seu contexto. Observa-se, no entanto, que apesar destes esforços, o uso de substâncias psicoativas permanece em índices alarmantes.

A sociedade civil também se organiza, e através de ONGS, surgem Comunidades Terapêuticas, prestando um serviço de internação aos dependentes químicos, por períodos relativamente longos, às vezes superiores a nove meses, onde se observa que muitas pessoas permaneceram afastadas temporariamente do uso destas substância. Porém, apesar do longo período de abstinência, muitas recaem rapidamente após a saída da comunidade e o retorno ao seu convívio social.

Estas ações governamentais e da sociedade civil, não são, em si, sem significação, pois elas refletem o olhar diferente que surge na sociedade em relação ao dependente químico e do indivíduo que faz uso abusivo de substâncias psicoativas. No entanto, este olhar precisa ir além destas ações. A sociedade precisa rever e restabelecer seus valores. Existe a necessidade de que os vínculos sociais, como os familiares e os religiosos, sejam restabelecidos e fortalecidos, pois eles poderiam operar como elementos protetivos em relação ao uso abusivo de substâncias psicoativas e contribuir para a recuperação de dependentes químicos.

Com esta perspectiva, foi desenvolvido este trabalho.

A partir de uma pesquisa de cunho teórico, foi realizado um levantamento bibliográfico que contemplou uma reflexão nos eixos da Filosofia, Psicologia, Sociologia, nas suas intersecções com a religiosidade. Desta forma, obteve-se

uma visão histórica a respeito da experiência religiosa e o uso de substâncias psicoativas.

Com o objetivo de investigar essa relação, este trabalho procurou observar se os estudos acadêmicos atuais apontam a religiosidade como fator de regulação e controle para este consumo. Inicialmente, trabalhou-se a hipótese de que a experiência religiosa, ao invés de inimiga e patogênica, pode ser uma grande aliada para a estabilização desta sociedade que entra em convulsão, pois, a experiência religiosa é uma experiência profunda de rompimento com a realidade passada e um meio pelo qual as pessoas assumem novos valores morais, que são benéficos si e para a sociedade.

Para tal finalidade esta dissertação foi dividida em três partes. No primeiro capítulo optou-se por realizar um apanhado sócio histórico em relação a experiência religiosa e o uso de substâncias psicoativas, sobretudo a partir dos trabalhos de Josef Campbell, Mircea Eliade, Antônio Escohotado. O capítulo 2 se dedicou a compreender como a experiência religiosa impacta a vida humana e poderia regular o uso abusivo de substâncias psicoativas, sobretudo a partir dos trabalhos de Dr. Hans-Jürgen Fraas; Dra. Denise Gimenes Ramos; Dr. Antônio Ávila; Dr. Edênio Valle; Dr. Rui Tinoco; Dra. Livea Oliveira . Por fim, o terceiro capítulo trabalhou a questão da condição construtiva e destrutiva da experiência religiosa e do uso de substâncias psicoativas, sobretudo a partir dos trabalhos de José Castellá Sarriera, H.G Koenig, Hans-Jürgen Fraas, Alexander Moreira, Helena Greco Lisita e Márcia Maria Vieira Rosa, Flavio Carvalho Ferraz, José Jacinto Ferreira de Farias, Fritz Reinemann, Carlos Catanheda.

A partir destes levantamentos, a pesquisa realizada indica que existe uma relação íntima entre o uso de substâncias psicoativas e a religiosidade, desde a Antiguidade, porém nem sempre sendo protetiva, contudo, sua presença no culto é reincidentemente reguladora do uso abusivo. Percebeu-se que a experiência religiosa profunda oferece subsídios edificadores da identidade e do significado existencial para o ser humano, fomentando sua resiliência e integração da personalidade, podendo configurar um elemento protetivo e regulador para uso das substâncias psicoativas. Por fim, ainda que a Filosofia, a Psicologia e a Sociologia clássicas apontem fatores alienantes, infantis e doentios na dinâmica

da religião, no que se refere à protetividade e regulamentação do uso de psicotrópicos, foram raros os estudos com apontamentos negativos, quando tratando-se de experiência religiosa profunda e significativa para o sujeito.

Os resultados apontam, ainda, para forças atuantes na sociedade que estabeleceram o perfil da religião institucional e a relação que a sociedade teria com as substâncias psicoativas. Estas mesmas forças promoveram um esvaziamento do significado existente nos vínculos sociais e também nos elementos culturais. A ausência de significado faz com que o homem não tenha uma visão correta de si e do outro, desenvolvendo assim uma relação que não pode atendê-lo em suas necessidades. Este vazio que surge irá fazer com que o ser humano busque no uso abusivo das substâncias psicoativas um escape para a sua realidade sem significado.

Desta forma, para que se tenha um maior êxito nas ações já tomadas pela sociedade em relação ao uso abusivo de substâncias psicoativas e a dependência química, as conclusões deste trabalho apontam para a necessidade da própria sociedade recuperar o significado dos vínculos – inclusive com o sagrado, por meio da experiência religiosa. Neste sentido a religiosidade pode contribuir muito para o controle e uso protetivo de substâncias psicoativas, e diferente das mídias, propicia vínculos sociais e afetivos significativos, além de reafirmar com seu discurso os vínculos sociais importantes, como a família.

Para que isto seja possível, é necessária uma revisão do olhar sobre a própria religião e os elementos associados a ela. A religião é tida por muitos como algo prejudicial a humanidade. Historicamente, muitas ações terríveis foram cometidas em nome da fé. No entanto, estas instituições religiosas serviam aos governos como uma forma de dominação. Hoje, o contexto é outro. No ocidente, a religião está desvinculada do Estado, o que gera um contexto completamente diferente, criando a possibilidade de uma ação legítima da religião como um instrumento do bem-estar social, libertando o homem da pior prisão que já existiu, a prisão de não se ter significado para a vida.

Outra posição que precisa ser revista é a de atribuir à experiência religiosa um caráter patológico, a experiência religiosa têm sido reconhecida como uma experiência reorganizadora da vida, pois oferece um sentido para a existência, por isso em muitas situações patológicas, como a neurose e a psicose a

experiência religiosa é verificada: ela dá subsídios psíquicos para a pessoa enfrentar as dificuldades de seus problemas.

Assim, este significado existencial pode surgir da experiência religiosa, como hoje acontece com inúmeras pessoas, mas também pode surgir de uma modificação do contexto onde o homem se desenvolve, um contexto de valorização dos relacionamentos.

Isto passará por uma revisão sobre a nossa concepção do próprio homem, da origem de seus problemas, que são associados aos termos doença e enfermidades, reconhecendo que isto é uma construção cultural, que está em função do perfil preestabelecido do homem normal e saudável.

O homem é um ser integral, suas necessidades vão além de nossas divisões e concepções sobre a natureza humana. Tudo que afeta o homem, o afeta em sua integralidade, de forma que é necessário observar, para a promoção da saúde, a necessidade não só material, mas também a necessidade psicológica do ser humano.

Atualmente, se vive um período de relativa abundância de riquezas e recursos materiais, no entanto, se sofre de um esvaziamento de significado, o que gera um fenômeno de aparente sucesso de ajustamento familiar e pessoal, mascarando, muitas vezes, não só o vazio existencial, como também, o uso abusivo de psicotrópicos na tentativa de se encontrar sentido e significado para a vida.

**CAPITULO 1:**  
**RELIGIÃO, O USO ABUSIVO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS**  
**E SAÚDE MENTAL: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA.**

O uso abusivo de substâncias psicoativas se tornou um problema de saúde pública devido à grande dimensão que o seu consumo alcançou. Apesar dos esforços e das campanhas promovidas pelos governos e o combate ao narcotráfico, observa-se que o uso destas substâncias tem aumentado e seus efeitos sobre a sociedade têm se agravado.

Apesar de ser um assunto atual, não se deve ignorar que isto é algo que está presente na história da humanidade desde seus primórdios, sendo que, alguns fatores têm colaborado para o aumento do consumo e também dos efeitos negativos deste sobre a sociedade, dentre estes se destacam as questões relacionadas à experiência religiosa, que faz parte do Ethos da sociedade, e que contribui para que alguns elementos de importância para a preservação da sociedade se mantenham.

Para entendimento destes fatores é importante dar um passo atrás e verificar as posições de alguns estudiosos sobre a história da religião e a sua relação com as substâncias psicoativas observando como esta contribui para a compreensão atual sobre o problema do uso abusivo destas substâncias.

Para isso, serão consideradas as pesquisas de Nircea Elidade (1907 a 1986), Josef Campbell (1904 a 1987) e Antônio Escohotado (1941).

Ao fazer uma abordagem histórica da religião, deve-se ter em mente que esta é diferente da de outros assuntos, pois a religião obedece a condicionamentos culturais e temporais e geográficos, mas também passa a existir a partir de outros ritmos que não podem ser classificados por essas categorias.

O que distingue o historiador das religiões de um simples historiador é que ele lida com fatos que, embora históricos, revelam um comportamento que vai muito além dos comportamentos históricos do ser humano. Se é verdade que o homem sempre se encontra inserido numa "situação", nem por isso essa situação é sempre histórica, ou seja, unicamente condicionada pelo momento histórico contemporâneo. O homem integral conhece outras situações além da sua condição histórica. Conhece, por exemplo, o estado de sonho, ou de devaneio, ou o da melancolia ou do desprendimento, ou da contemplação estética ou da evasão, etc – e todos esses estados não são históricos, embora sejam, para a existência humana, tão autêntico e importantes quanto a sua situação histórica. (ELIADE, 1996, p 29)

O conteúdo simbólico das religiões está além do seu condicionamento histórico, ele reflete a tomada de consciência do homem dentro do Universo. Por não ser condicionado historicamente, o conteúdo simbólico transcende o tempo e o espaço, fazendo-se presente em épocas onde os elementos históricos do período de sua origem não existem mais.

O conteúdo simbólico das religiões está presente na contemporaneidade, está refletido em nosso dia-a-dia. Através deste conhecimento, o homem, talvez, pudesse se conhecer melhor e enfrentar e entender os dilemas e problemas que o cercam. (Eliade, 1991) Dentre os quais o uso abusivo de substâncias psicoativas.

A obscuridade deste conteúdo é resultado de um processo que tem suas origens na percepção religiosa relacionada ao poder secular dominante, que, através de suas teologias desenvolvidas a serviço da manutenção do poder e da destruição de qualquer outra cultura que não se submetesse aos seus princípios e a sua visão de mundo. Isto proporcionou um empobrecimento cultural dos povos e em particular dos europeus.

Na Europa, no final da idade média e início da idade moderna, os bruxos, perseguidos, estavam relacionados aos cultos pagãos de fertilidade. Estes foram acusados de cultos satânicos, de efetuar curas e causarem inúmeras doenças através de poções mágicas, além de ser responsabilizados por problemas relacionados a colheitas e fenômenos naturais, esta magia produzida pela manipulação de ervas, dentre outros meios, veio a ser denominada

magia negra, devido a sua suposta origem nos ensinamentos obtidos do demônio.

A ação da igreja foi muito ampla, indo da perseguição a incorporação de algumas destas práticas através da cristianização, que foram utilizadas para combater os cultos de fertilidade. (Eliade, 1996)

Apesar destas ações da Religião no Ocidente, é importante observarmos a relação e o desenvolvimento da religião, pois esta acompanha a história da humanidade. Para Josef Campbell, a religião é tão antiga como o próprio homem, ela é algo inerente ao ser humano, decorrendo do fato do homem ser o único animal consciente de si mesmo e da morte.

Esta consciência da sua própria morte e da de outros seres é que levará o homem a desenvolver a religião, como um meio de defender a sua psique das implicações que esta consciência poderia trazer. (Campbell, 2002)

A religião já fazia parte da história de nossos ancestrais. Campbell relata que foram encontrados, nos anos de 1903 a 1927, indícios de que em período anterior a última Era Glacial, quando o ser humano existente era o Neanderthal, a existência de registros de rituais em paredes de Cavernas na região da Suíça e dos Alpes Germânicos e de crânio de ursos e utensílios religiosos dispostos em torno de esqueletos humanos apontando para um culto ao urso da caverna. (Campbell, 2002)

Apesar dos riscos de comparar registros fósseis de rituais com os rituais ainda existentes, o autor comenta que, o ritual acima mencionado se perpetuou até seus dias em tribos localizadas em território japonês. (Campbell, 2002)

Além de falar sobre a evidência da presença da religião antes do surgimento do Homo Sapiens, Josef Campbell também apresenta a teoria de que existem duas formas de desenvolvimento da religião que estão associadas às condições climáticas do planeta. Uma forma, que surge ao norte, nas regiões frias, é caráter masculino,

devido à dificuldade de encontrar alimento e voltada para caça. Outra surge ao sul, na região entre os trópicos, onde devido ao favorecimento climático, a cultura que se desenvolve é a agricultura, e o personagem principal é a mulher. Neste local, o conhecimento de substâncias psicoativas se aprofunda. O culto é desenvolvido pelos homens, contudo os principais personagens do panteão formado são femininos relacionados ao culto de fertilidade. Com o passar do tempo, correntes migratórias irão proporcionar o contato entre essas duas linhas de desenvolvimento da religião e seus elementos irão ser incorporados mutuamente. (Campbell, 2002)

O desenvolvimento do uso de substâncias psicoativas surge dentro deste contexto feminino da religião, pois, através da domesticação de muitas culturas, as mulheres que eram responsáveis por esse tipo de trabalho desenvolveram um conhecimento a respeito de plantas com algumas propriedades alucinógenas, o que será associada posteriormente ao termo de magia. (Campbell, 2002)

Desta forma, as informações fornecidas por Mircea Eliade e Josef Campbell, fornecem a ideia de que o homem antes mesmo de ser Homo Sapiens, era Homo Religiosus, e que talvez um dos fatores que veio para diferir o homem das demais espécies de animais foi exatamente o desenvolvimento do senso religioso, que resulta da consciência que ele tem de si mesmo e da morte.

Além disso, as informações fornecidas por estes autores apontam para diferentes formas de desenvolvimento dessas religiões, as quais resultam das influências geográficas e climáticas, e que o desenvolvimento do conhecimento de ervas surge com o desenvolvimento da agricultura nas regiões tropicais da terra. Essas diferentes formas de religiões irão se influenciar mutuamente através de seus contatos gerado por correntes migratórias, de tal forma que hoje não há uma religião pura, todas trazem traços dessas religiões originais, e dentre esses traços está o uso de substâncias

psicoativas, que irá diferir no tipo de substância, na quantidade utilizada e nos efeitos obtidos.

A religião e o uso de substâncias psicoativas fazem parte do desenvolvimento cultural da humanidade. Estes são alguns elementos culturais, em relação aos quais o homem desenvolverá seus valores que irão norteá-los na sua conduta sociais.

Antônio Escohotado tratando a partir de informações presentes em religiões existentes e em materiais de algumas da antiguidade diz que, a história das substâncias psicoativas se confunde com a história da Religião. Nas religiões da antiguidade, o uso de substâncias psicoativas era reconhecido por seu efeito como um dom divino, de natureza fundamentalmente mágica. A proibição do uso delas é algo relativamente recente dentro de nossa história. Esta surge de um Tabu incorporado pela sociedade, que vê o uso de substâncias psicoativas como um novo pecado, apesar deste uso ser produzido pela própria sociedade. Esta mesma sociedade que abençoa e admite certas substâncias, que servirão tanto a finalidade terapêutica como lúdica, conferindo ao homem o que é relativo à sua necessidade de euforia e de bom animo; irá discriminar o uso de outras substâncias, criando um Tabu, uma ideia de maldição, na medida em que este uso seja de substâncias consideradas ilícitas, principalmente quando este uso se torne abusivo e produza no homem efeitos que são prejudiciais tanto ao indivíduo como a sociedade, pois além de afetar a relação da pessoa com a sociedade, o uso abusivo de substâncias químicas pode se impor como uma cultura de violência, devido a sua associação com crime.

Na atualidade, é observado o grande desenvolvimento na área da farmacologia, com o surgimento de outras substâncias com potencial psicotrópico, o que acarreta um risco, pois, ao mesmo tempo em que elas surgem com o propósito de combater algumas doenças e diminuir o sofrimento humano, elas mesmas, à medida que são usadas de forma abusiva, produzirá um sofrimento, decorrente do surgimento da dependência química e por elas se tornarem uma

modificadora dos valores e relacionamentos sociais. Desta forma, as discussões em torno deste assunto passam, de um lado, pela ideologia de uma cultura aberta irrestritamente ao consumo de substâncias psicoativas, e por outro lado, uma cultura em que o consumo delas, inclusive as lícitas, seja abolido e ocupado pela prática de esportes e outras atividades. (Escohotado, 2002)

A sociedade é um ser em mutação. Com o tempo é observado que a ação coerciva do Estado e os discursos ideológicos apresentados pelas mídias, não surtem efeitos sobre o consumo abusivo de substâncias psicoativas, e que este tenderá a aumentar devido à sua maior oferta na sociedade. A sociedade poderá tomar outra postura diante do fenômeno do consumo de substâncias psicoativas, o que certamente gerará uma mudança de posição entre os atores desta discussão quanto à liberação ou não do seu consumo. Isto mudará e imporá uma nova ideia de pureza e impureza, de certo e errado, onde o grupo divergente se tornará vítima como já ocorreu no passado e ocorre hoje dentro desta relação de Tabu que está associada ao uso dessas substâncias. (Escohotado, 2002)

Outra possibilidade da sociedade é ela se recriar e, em vez de se impor como um Estado moral a partir de uma ação coerciva, produzir uma sociedade moral por meio de princípios, que possivelmente passará pela revisão de temas como: homem, família e religião.

A importância de se olhar para o passado é que se pode ver como a sociedade convivia com os temas Religião e Substâncias Psicoativas, como isto as afetava e como ela se elaborava em relação a esses elementos que faziam parte dela mesma e das muitas forças internas que sempre atuaram nela.

A história das substâncias psicoativas é uma história dentro da própria História, pois ela traz milênios de uso festivo, terapêutico e sacramental. Na atualidade o desenvolvimento científico tem incomodado a religião e provocado oposições que são comuns em

todas as modificações da sociedade. Estas modificações e disputas ideológicas têm considerado, predominantemente, o uso de substâncias de forma pejorativa sem levar em conta os problemas do homem moderno, como a questão do bem-estar e da liberdade. O uso abusivo de substâncias psicoativas deveria servir para se avaliar o tipo de sociedade e de mentalidade onde ele acontece.

Existem muitos aspectos da sociedade que devem ser entendidos a partir da atualidade, mas nenhum destes se relacionam mais profundamente com a questão do bem-estar e da liberdade, do que o uso abusivo de substâncias psicoativas. Isto porque elas, que são conhecidas há milênios, se tornaram um perigo para a humanidade, a ponto de unir grupos divergentes para preservação da saúde mental e social. Contudo, o consumo destas substâncias evidencia a insatisfação e a identificação de muitas pessoas com o proibido. (Escohotado, 2002)

Desta forma é necessário avaliar as disposições humanas tão opostas aos conceitos assumidos por nossa sociedade e pensar como trabalhá-los e modificá-los para que as disposições e os conceitos venham visar acima de tudo o bem estar humano e social. Neste sentido, a religião pode servir de fonte de muitas informações, visto que em algumas delas o uso de substâncias psicoativas não é proibido, mas controlado pelos valores religiosos.

A religião tem como um de seus princípios fundamentais o sacrifício, que pode ter como base o medo ou a busca de comunhão com a divindade. Os sacrifícios variarão de acordo com o tipo de cultura, os povos sedentários produzirão uma religião onde o sacrifício será relacionado à morte enquanto que os povos nômades desenvolverão um sacrifício voltado às festas. Como nos diz Escohotado:

Também merece atenção o fato de que a impureza é considerada infecciosa e hereditária em maior medida tratando-se de sociedades agrícolas e pastoris com vocação urbana que em tribos nômades dedicadas a caça e a coletas de frutos. Por isso mesmo que na primeira o principal é o sacrifício de animais, enquanto nas da segunda se destacam cerimônias de ágape sacramental. Embora haja exceções, a poucos grupos de caçadores e

coletores onde se praticam sacrifícios humanos. Em contraste, são muito escassas as sociedades sedentárias, nenhuma das historicamente destacadas, onde não se havia praticado de modo sistemático ou ocasional sacrifícios humanos... (2002, p.36,37)

Com o desenvolver da sociedade estas duas práticas se misturaram e surgiu o sagrado de respeito, relacionado à moral e a proibição e o sagrado de transgressão, que será a base para todas as festas. (Escohotado, 2002)

O uso da droga relacionada à religião se desenvolve como uma forma de sacrifício humano, onde o Xamã se apresenta como sacrifício, no qual, mediante o uso de substâncias psicoativas ele entra no mundo dos espíritos e atua neste mundo a favor dos homens. É neste contexto do xamanismo e dos sacrifícios, voltados às festas, que se desenvolverão o uso de substâncias psicoativas. Dentro da cultura grega antiga esta evolução é evidenciada pelos termos que designa o sacrifício expiatório ofertado – *farmakós* é o termo que designa as cerimônias do tipo estático – *farmakon*, que é o sacrifício de comunhão. Esta similaridade de termos para designar estes dois tipos de sacrifícios está relacionada ao caráter mágico de ambos. Uma segunda possibilidade que também surge da análise destes termos é que eles se derivem da palavra *farmasso*, que significa temperar o ferro, isto é, submergi-lo no fogo e na água fria. Assim, a raiz da palavra – *farmak* – poderia se derivar da magia dos guerreiros, que eram importantes para a vida econômica e militar antiga. Podendo estes termos ter a sua origem de forma composta onde o primeiro termo significa “transladar” e o segundo “poder”, desta forma *farmaco* seria aquele que tem poder de transladar a impureza, de purificar ritualisticamente. (Escohotado, 2002).

Esta ideia de pureza também pode ser verificada quando se compara o termo *farmakoi* (plural de *farmakós*) com o termo *katarmoi*, que significa puro, estes empregados para designar aquele que apresenta o sacrifício. A *katarsi*, outro termo relacionado, é utilizado por Aristóteles para se referir ao efeito do gênero

dramático, à tragédia, sobre as pessoas, onde ocorreria uma purificação espiritual dessacralizada.

A ideia de purificação e de eliminação de impurezas interessou a Ciência como a Medicina desde seus primórdios, onde este termo *katarmoi* foi empregado tanto para substâncias psicoativas como para substâncias não psicoativas, as quais eram utilizadas para purgar impurezas intestinais e para outras partes do corpo como o cérebro, onde eram utilizadas substâncias psicoativas. Estas substâncias, no contexto religioso, vão fazer, em relação à culpa, o que o sacrifício fazia, pois *katarsis* também significa expiação de culpa. Desta forma a ideia de expulsar o mal e purgar a impureza se torna sinonímica. (Escohotado, 2002)

O uso de fármacos em festas cerimoniais também é evidente, pois estas festas proporcionam uma válvula de escape para as tensões sociais. Elas constituem um rompimento da rotina da existência e visam uma renovação do mundo reforçada pelo uso da dança, música e fármacos. Filon de Alexandria chegou a afirmar que a embriagues era originariamente um ato de nobre júbilo para culminar uma cerimônia religiosa de oferendas. Isto também pode ser verificado através das palavras *methyein* – embriagues e *mathyemi* – soltar, permitir. A embriaguez recebe este nome não só porque ela segue a execução do sacrifício, mas porque ela também liberta a alma. (Escohotado, 2002)

A religião e o uso de substâncias psicoativas estão relacionados por milênios, pode se pensar no surgimento desta relação na medida em que o homem passou da condição de caçador para a condição de agricultor. Dentro das culturas antigas a agricultura está associada à mulher, a qual acumula conhecimentos próprios para este desenvolvimento. Em decorrência disto, surgem os cultos relacionados ao sexo. No início desta nova sociedade surge o uso de substâncias psicoativas, que podem ser verificadas em mitos dos povos antigos como os dos sumérios de Enki e Nirshursag, que narra a ira deste contra Enki pelo fato dele resolver experimentar o

sabor das plantas, Nirshursag impõem a Enki castigos, mas também faz surgir a deusa (deusa dos bêbados) para curar a Enki de suas fadigas, esta ideia também está contida no relato do Paraíso perdido contido na Bíblia, embora não se possa afirmar que o fruto proibido fosse uma substância psicoativa, percebe-se através destes relatos, que a experiência com plantas marcaram profundamente a história da humanidade e que esta experiência arruinou a existência paradisíaca. (Escohotado, 2002)

Esta relação, religião e substâncias psicoativas, também pode ser verificada no contexto de dominação, existem plantas com princípios psicoativos que são nativas de uma determinada região, em decorrência disto, estas drogas são assimiladas pela cultura e pela religião local. Quando outra cultura e religião invadem esta região ela não só destrói a cultura e a religião autóctone, como também marginaliza o uso, daquela substância psicoativa, associado a esta cultura e religião, impondo ao povo dominado a cultura e a religião, mas também o uso de suas próprias substâncias psicoativas. Talvez seja este o caso da permissão do uso do álcool em alguns países e a proibição de outras substâncias, apesar do grande prejuízo que o álcool produz na sociedade, e a questão de alguns tipos de bebidas serem mais facilmente toleradas por certas religiões que outras, com é o caso do vinho em relação à pinga e a cerveja no Cristianismo. (Escohotado, 2002).

Ainda segundo Escohotado, a conotação negativa associada às substâncias psicoativas é algo recente na história da humanidade. Os nomes dado a estas substâncias psicoativas em certas culturas e religiões mostram a relação entre elas e seus efeitos como algo divino e desejável ao homem. O Cânhamo é conhecido na religião védica com *vijohia*, fonte de felicidade e vitória sendo citados nos primeiros Vedas. O cânhamo segundo esta cultura brotou resultante da queda do céu da ambrosia, alimento dos deuses. No Bramanismo, o cânhamo torna mais ágil a mente, dá saúde e vida, concede deleite e desejo sexual. Além deste aspecto religioso e recreativo, a droga

também tinha uma utilidade terapêutica, sendo empregada para combater muitos males. Dentro de algumas seitas budistas o cânhamo era utilizado para auxiliar na meditação.

O ópio é conhecido desde do 2º milênio a.C, desde os dias de Sargão da Acádia (2334-2279 a.C.) onde, apesar de sua elevada toxicidade, era empregado para fins terapêuticos e considerado uma ambrosia (*amrta*).

Além deste, outros fármacos aparecem nos primeiros livros em Sânscritos e nas religiões Arianas anteriores ao primeiro Zoroastrismo. Dentro da cultura védica, a substância psicoativa e a bebida estão associadas ao deus soma, o qual fica nas montanhas, que é o local onde o céu e a terra se unem. Esta bebida identificada e cantada nos hinos Védicos atribui a imortalidade aos homens. Esta experiência ligada ao soma (o cânhamo) se equivale a um nascimento do homem. O homem nasce em sua experiência sendo que antes ele não tinha nascido, mas vivia sonâmbulo dominado pela mesquinhez. Ele morre para a vida atormentada e nasce para a vida espiritual.

Já, dentro da história dos povos Andinos também se pode destacar as lendas referentes à origem da Coca. Os Incas fizeram uso desta planta, mas o seu manejo é muito anterior a civilização Inca, o significado da palavra Coca, vem do Aimara e significa “planta”. As lendas em torno desta planta dizem segundo os índios yunga, este arbusto foi que permitiu vencer um deus maligno, e para a tradição Inca foi Manco Cápac que deu a benção da mãe Coca à uma humanidade afligida, para fazê-la capaz de suportar a fome e as fadigas.

Dentro da sociedade Inca, o uso deliberado da coca era um privilégio da Oligarquia, concedendo-se como um gracioso favor aos soldados, camponeses e mensageiros. Mascar coca sem autorização constituía um crime de lesa majestade. O consumo de coca era elevado nas cortes, enquanto que o seu consumo era proibido para as classes mais pobres, nos Incas se observa pela primeira vez a

ação penal associada ao consumo de substâncias psicoativas. Desta forma, não é fácil precisar o uso religioso e profano da coca, mas é evidente que ela foi usada pela casta sacerdotal em cerimônias de adivinhação e outros ritos, estando presentes em funerais, constatado, através de sua presença na boca de múmias e em sacos dispostos ao lado de defuntos em suas tumbas, servindo também como amuletos ligados ao amor e aos negócios. (Escohotado, 2002)

Prosseguindo, Escohotado (2002) relata que no decorrer do tempo, as substâncias psicoativas foram consideradas algo censurável pelas religiões que outrora fizera uso delas como se deu em terras não dominadas pela religião cristã, como é o caso da China e da Índia, onde se desenvolvera o Hinduísmo. Dentro do Cristianismo, se observa que o abandono das substâncias psicoativas está associado a uma campanha contrária ao seu uso devido à sua incompatibilidade com os seus cultos mais ortodoxos. Esta posição das religiões, como o Cristianismo, Confucionismo e o Judaísmo entre outras têm o seu êxito porque contribuem com a ordem social estabelecida.

Estas religiões também irão se opor ao uso de substâncias psicoativas por se basearem em verdades reveladas e não em experiências individuais isoladas, estes cultos estão apoiados sobre a aprendizagem de credos e cerimoniais, os quais asseguram a adesão dos fieis a certas ideias prévias sobre o mundo e a conduta. (Escohotado, 2002)

Esta mudança não foi rápida, pois se observa que durante muito tempo os sacerdotes ritualistas destas religiões que atualmente estão estabelecidas subsistiram com a feitiçaria, onde cobriam necessidades distintivas e incompatíveis do povo. A guerra sem quartel só se estabelece quando algumas castas superiores destas religiões ritualistas resolvem assumir a hegemonia religiosa, administrando tanto a tumultuosa religião natural, como a religião prosaica e civil, como foi visto no Bramanismo, onde os bebedores de soma (uma beberagem alucinógena, produzida a partir do

cânhamo) foram subjugados pelas castas dos Brâmanes. No Cristianismo, o culto de mistério que adota cerimônias de outros cultos análogos, como é o caso da Eucaristia. Este combate é travado pelo apóstolo Paulo em suas cartas as igrejas de seus dias, porém, é Novaciano, um dos papas da Igreja Católica, que irá pronunciar-se mais duramente contra o abuso do vinho pelos seus companheiros de fé, mostrando a incompatibilidade da ebriedade com a caridade, a qual está relacionada às obras da carne. (Escohotado, 2002)

A Eucaristia era celebrada em meio a uma festa, o que favorecia que certos setores da Igreja de então que tinham esta tendência às práticas pagãs, bem acentuadas, como eram visto no culto cóptico, o qual acabou se separando dos setores mais avessos a cultura pagã, sendo acusados de monofisistas. (Escohotado, 2002)

As disposições em relação ao consumo do vinho podem ter surgido da própria cultura grega, que produziu o pensamento gnóstico, que tinha como base o ideia de que o corpo é a prisão da alma, o que vai se derivar em posturas antagônicas de alguns grupos, tanto o de se entregar e se permitir todos os prazeres relacionados ao corpo e a licenciosidade, porque o corpo é mal e tudo que é realizado por ele é mal e quando o corpo for destruído todas as suas obras também serão; bem como uma atitude acética, onde tudo que é relacionado ao corpo não deve ser praticado. Destas posições surgirão seitas como os Taciânicos e Marcionistas onde o ingerir bebida alcoólica era considerado um pecado mortal. (Escohotado, 2002) A solução para estes extremos foi a transformação da eucaristia em um mero símbolo e a restrição do uso do vinho somente pelo sacerdote católico.

O uso do vinho como recreativo ou terapêutico não é distinguido na Antiguidade, isto porque o que é recreativo é terapêutico para estes povos. O Cristianismo irá combater o uso do vinho para buscar a euforia, exatamente porque somente um tipo de euforia é permitido.

Se o uso excessivo do vinho foi combatido, o uso de substâncias psicoativas, muito difundidas antes do século IV, foi completamente extirpado, isto se deu por ações múltiplas, em que o uso destes fármacos foi considerado como pecado mortal e como um pacto com Satanás, atribuindo assim um valor idolátrico a tais práticas. Depois se passou a perseguir como bruxas e hereges todos que fizessem uso ou participassem de cultos naturais. Além disto, ocorreu o período das queimas das grandes bibliotecas e a destruição de muitas obras que versavam sobre este tema, ou que apresentavam uma forma de ver o mundo diferente do Cristianismo. Esta atitude promovida pelo Cristianismo de então, fez com que a Europa vivesse um grande retrocesso em varias áreas da cultura, o que gerou um período de grande pobreza, de muitas doenças e de muita ignorância. O que acabou entregando a Europa, de então, a profundas mistificações, onde o eixo central eram as atividades da igreja, e das quais ela angariaria muitos fundos, confiando propriedades terapêuticas à água benta, ramos benzidos, óleos benzidos e santos óleos. (Escohotado, 2002) O que se percebe no decorrer dos fatos é que substâncias psicoativas, concupiscências e satanismo são empregados para designar o mesmo fenômeno na Europa medieval.

Durante a idade moderna pode-se também observar o surgimento de uma disposição diferente entre os humanistas em relação às bruxas e o uso de substâncias psicoativas, as quais passaram a ser consideradas como tendo usos terapêuticos em diversas doenças. O primeiro a produzir obras que desmistificavam este conhecimento foi o médico Andrés de Laguna, Phillipus Aureolus Theophrastus Bombastus Von Hohenheim, conhecido por Paracelso e Giam Batista da Porta. (Escohotado, 2002)

No contexto protestante, verifica-se uma postura diferente em relação aos fármacos, pois estes reconhecem a consolidação da química farmacêutica como disciplina e como corporação econômica

que floresceu muito na Suíça e Alemanha. Porém este favorecimento ao uso de psicoativos logo é modificado pelo surgimento de um preconceito entre os médicos em relação ao uso feito pelas pessoas comuns de tais medicamentos, isto se evidencia no surgimento do primeiro Colégio Oficial de Médicos, que pretendia, já naquele tempo, século XVII, receber da coroa britânica o privilégio de outorgar licenças para o exercício da medicina e também pela tentativa dos médicos de demonstrarem a sua superioridade profissional sobre os manipuladores populares, às feiticeiras. O ópio passa a simbolizar a modernidade e a virtude curativa. (Escohotado, 2002)

Na América, recém descoberta, as posturas dos colonizadores foram contraditórias, os de tendência mais humanista e mais científica não se preocuparam em buscar médicos na Europa, pois reconheciam que os povos indígenas tinham um conhecimento superior sobre a manipulação de ervas, resolvendo assim aprender com eles esta manipulação.

Existiam também, aqueles que ainda atribuíam aos manipuladores de psicotrópicos o título de bruxos e vinculavam esta prática ao pacto com Satanás, e por isso buscavam os médicos vindos da Europa como forma de proteção para si e para seus filhos. Desta forma, a colonização trouxe para a América, tanto pessoas perseguidas, como feiticeiras, que desenvolveram seu conhecimento aqui na nova terra, como também os inquisidores católicos e protestantes que estabeleceram seus tribunais no novo continente. (Escohotado, 2002) O efeito destes dois grupos e a tendência humanística vão resultar na aceitação dos conhecimentos indígenas e da teologia cristã, onde se pretende aproveitar a rica flora medicinal e suprimir a tentação de apostasia.

No entanto, perdurou a ideia de associar as substâncias psicoativas não alcoólicas com a bruxaria e ao culto ao demônio, o que irá promover uma repressão destas substâncias por toda a idade moderna e a promoção do consumo de bebidas alcoólicas. Esta

repressão não colocou fim a utilização destas drogas, pois elas existirão legalmente vinculadas ao uso da medicina que resultarão do desenvolvimento tecnológico da bioquímica e ilegalmente, nas práticas populares e nos consumos exagerados.

O que se verifica durante todos estes milênios de uso e de repressão é que em um grupo social, que tem propensão a embriaguez através de meios químicos, a sua predisposição ao uso pode ser afetada pelo poder político com castigos e estímulos, porém não é possível realmente suprimi-la, mas somente deslocá-la e modificá-la. Desta forma, o combate às substâncias psicoativas não alcoólicas irá fazer com que esta população se desloque para o uso de drogas alcoólicas. Esta é a origem do aumento extraordinário do consumo de bebidas alcoólicas, aliada ao fato da ampla gama de efeitos que ele promove sobre o ânimo. Já a restrição absoluta a todo e qualquer tipo de drogas provocará uma busca pelas drogas clandestinas, como ocorreu por décadas nos Estados Unidos, onde pessoas chegaram a fazer uso de tipos de álcool não apropriados para o consumo. (Escohotado, 2002) O álcool, no entanto, não é o suficiente para satisfazer todas as aspirações, fazendo com que outras drogas que não são comuns comecem a ser utilizadas em associação com ele, os sedativos e os excitantes sintéticos. (Escohotado, 2002)

As disputas e as perseguições que se estabeleceu contra os hereges, envolveram os bruxos e as feiticeiras e produziram as concepções a respeito do uso de substâncias psicoativas. No entanto, estas perseguições, foram mais amplas e envolveu guerras que resultou na divisão da Europa entre protestantes e católicos.

Dentro desta disputa, outro pensamento também se desenvolveu pensamento antirreligioso, que continua corrente e afetando a sociedade atual. Este pensamento é verdadeiro à medida que ele está fundamentado na História, que aponta para as atrocidades que foram realizadas em nome da fé. Ao mesmo tempo, ele é um pensamento falacioso, por não considerar que os fatos

passados se desenvolveram dentro de um momento histórico, e que este momento histórico não é o mesmo do presente. A separação do Estado da Igreja abriu grandes possibilidades tanto para o Estado como para a Igreja, pois agora eles têm condições de atuarem em suas áreas de competências e se desenvolverem em relação a si mesmos, para o proveito da humanidade.

O pensamento antirreligioso surge neste contexto de perseguição, o que pode ser verificado nos escritos de Voltaire e de Karl Max.

Voltaire, um filósofo do século XVII, no seu livro “O Tumulo do Fanatismo” apresenta virulentos comentários sobre o Cristianismo. Suas motivações estão claras em sua obra, pois ele relata a morte da irmã de sua bisavó e de suas duas tias-avós, que se deu nas disputas religiosas que acontecera na Irlanda no século XVII, entre católicos e protestantes. Em decorrência disto, sua motivação era: “tenho sempre motivos para vingar o gênero humano e a mim mesmo” (Voltaire, 2006)

Marx, outro filósofo, mas do século XIX, também sofreu em decorrência das questões religiosas. Ele cresceu em um ambiente em que os cidadãos de outras religiões, que não fosse a Luterana, não podiam exercer as profissões. A família de Marx era judaica, seu pai aceitou ser batizado, com esta finalidade. Esta imposição de um credo religioso contribui para gerar no espírito de Marx sua indisposição em relação à religião Cristã. (Rovigli, 1999)

Esta associação entre a Religião e o Estado também afetará a Religião, na medida em que o Estado Moderno se forma, e as formas arcaicas de governo são questionadas. Por seu envolvimento histórico com os poderes seculares, o Cristianismo foi associado ao Absolutismo, servindo como um meio de sustentação deste sistema. (Schütz, 2001). Durante a história pode-se verificar que a radicalização no ateísmo está associada à luta contra o absolutismo, como se vê na Revolução Francesa. Já na Alemanha, esta luta vai se dar através da filosofia, com a crítica da Religião.

De uma forma geral, os filósofos críticos da religião, adotam uma postura de reduzi-la a algo oposto à racionalidade, relacionando-a com as emoções e como uma mera projeção das potencialidades humanas, como é o caso de Fauerbach (1804-1872). (Fauerbach, 2007)

Par Karl Marx (1818 a 1883), a religião é uma projeção de nossa realidade para um plano metafísico. Ela consiste, desta forma, em um mundo fantástico, criado pela mente humana que tenta dar um aspecto sobrenatural aos fenômenos naturais. Desta forma, Marx concordará com Freud chamando a religião de mera ilusão. Fruto da carência da humanidade, um meio pelo qual o homem supre suas necessidades de bem-estar. (Fadden, 1963)

Para Nietzsche, a religião está associada à destruição de valores morais e a imposição de novos valores que não são próprios da humanidade, em seu aspecto mais nobre. Na sua concepção, os pensamentos nobres estão associados ao povo ariano e são exemplificados pela vingança e pela dominação, enquanto que o pensamento vil é associado ao homem comum, o que vive nas vilas, e aos povos pré-arianos que habitou a região compreendida hoje como Europa. Tais pensamentos são antinaturais, como a compaixão e a misericórdia, nas quais, o homem impõe o castigo sobre si mesmo, a exemplo de Jesus no Cristianismo. Ele irá afirmar que no caso do Cristianismo, ele foi um meio pelo qual a moral de um povo párea, os judeus, foi imposta para todo o Ocidente. Segundo ele, através do Cristianismo, a Judéia vence Roma na Cultura. (Nietzsche, 2009)

Para Nietzsche, o problema da religião está associado à liberdade humana, para ele, se Deus existe o homem não pode ser livre, como o homem é livre, então, Deus não existe. A relação da religião com o homem está definida como uma imposição moral. Mas, apesar dele reconhecer no Cristianismo em particular um modificador da moral e da consciência, ele não atribui à origem desta à Religião. Para ele, a consciência surge das relações de negócios

estabelecidas entre os homens, por milhares de anos, e implicava em punições pelos mais poderosos àqueles que não cumprissem o compromisso assumido. (Nietzsche, 2009)

Dentro da sociologia, também, pode-se citar a posição de Emile Durkheim (1858-1917). A religião é uma construção humana e coletiva, de tal forma que se submeter à religião é se submeter à sociedade. Para ele, o mundo está dividido em duas concepções a dos fenômenos sagrados e a dos fenômenos profanos, sendo uma divisão meramente humana e não divina. Esta divisão propiciará uma relação de submissão e coordenação. No sagrado, estariam as determinações do proibido e das crenças, ritos e símbolos que conduziriam as consciências na forma de uma comunidade moral, que se confunde com a própria sociedade, visto que o sagrado se vincula à força coletiva e impessoal, sendo uma representação da sociedade, que se sobrepõe as consciências individuais. (Durkheim, 2000)

Já para a psicanálise, com Sigmund Freud (1856 a 1939), a ideia de Deus surge das relações familiares, gerada pelos conflitos inerentes aos seres humanos em relação à figura materna e paterna. A religião não passa de um sentimento, uma reedição do sentimento de desamparo infantil. Em seu livro Totem e Tabu, ele apresenta a moral como sendo originada na concretização de um crime, que significa um grande marco para a humanidade, o assassinato de um pai, por seus filhos, que desejavam as fêmeas que pertenciam ao seu pai. Este assassinato gerou frustração e remorso. Frustração porque nenhum dos filhos pôde ocupar o lugar do pai e remorso pelo crime praticado. O temor que tinha do pai morto se tornou fantasia, tornando-se mais forte do que o pai vivo. Para sobreviver, estes irmãos estabeleceram um totem com a imagem do pai, que cumpriria o papel de protegê-los e estabeleceram um pacto de respeito à vida (Freud, 1978a)

Dos críticos da religião apresentados aqui, em diversas áreas do conhecimento, verifica-se que, além de suas posições negativas a

respeito da religião, eles eram contemporâneos, e que desta forma seus pensamentos refletem o momento histórico que estavam vivendo, um momento de luta contra os exageros cometidos em nome da fé.

Porém, apesar dos fatos históricos mostrarem que a religião, durante muito tempo esteve associada a dominação, e que neste sentido, os conceitos filosóficos desenvolvidos pelos críticos da religião são pertinentes, é necessário fazer uma leitura da religião fora do contexto enciclopédico da História, levando em consideração o seu impacto sobre as vidas particulares das pessoas através da experiência religiosa.

É interessante observar que a experiência religiosa, denominada por Willian James (1842 a 1910) como santidade, não deve ser julgada por pressupostos históricos, que não levam em consideração os fatos da vida comum de homens que, durante a mesma história, viveram sua espiritualidade de uma forma simbólica.

O Valor da santidade deve ser julgado pelo valor humano de seus frutos. A realidade do Deus, entretanto, também deve ser julgada. Religioes "inadequadas" são eliminadas pela "experiência". Empirismo não é ceticismo. (James, 1991, p. 9)

A experiência religiosa deve ser considerada um fator que contribui para a saúde mental das pessoas, como um meio organizador da vida. Ela só deve ser preterida, naquela condição em que ela contribua de forma negativa para o desenvolvimento do ser humano.

Ao se tratar sobre o uso abusivo de substâncias químicas, a experiência religiosa deve ser considerada, pois segundo os filósofos e cientistas apresentados acima, a religião é um produto humano, que reflete a potencialidade do homem, criada a partir da sociedade, como uma forma de dominação e que atua na necessidade de aliviar a dor da alma, que resulta de uma autoconsciência e da sua relação com a natureza e a própria morte. Estas questões que envolvem o homem e a religião, também são, segundo Vilma Aparecida da Silva

Fonseca e Tadeu Lemos, um dos fatores que leva o homem ao uso abusivo de substâncias psicoativas. (Diehl, 2011)

Porém, não são somente os conceitos referentes a religião e o uso de substâncias psicoativas um construto social, os conceitos relacionado a saúde também são resultados de uma construção que se dará através dos elementos presentes na sociedade.

## **O Desenvolvimento do conceito de saúde mental**

Quando se pensa no conceito de saúde mental, deve levar em conta todos os fatores e todas as forças que atuam sobre tais definições, como: as preocupações ideológicas e religiosas, os conceitos de origem culturais, os de origem científica, e as questões econômicas que envolvem o tratamento de determinada doença.

Desta forma, é extremamente complexa a definição de saúde e doença mental, à medida que ela está sujeita a tantas variantes. Além disso, estes conceitos são mutáveis, variando na mesma sociedade, em épocas diferentes.

O conceito de doença está associado à ideia de impureza, o que redundava em segregação. Esta segregação, ora justificada pela impossibilidade de tratamento de doenças infectocontagiosas, ora injustificada pelo preconceito, que atinge algumas doenças, como é o caso das doenças mentais, dentre outras, principalmente na atualidade.

Um bom exemplo desta construção a respeito da doença é apresentado por Michel Foucault, em seu livro “A História da Loucura”. Ao falar do tratamento das doenças venéreas, que ocupa o lugar dado ao tratamento da lepra durante a alta Idade Média, Michel Foucault diz que: “Sem dúvida, ela é considerada num conjunto de juízos morais, mas essa perspectiva quase nada modifica a compreensão médica da doença” (Foucault, 1978, p.12)

O lugar dado à doença venérea como substituta da lepra, é algo passageiro, a loucura irá ocupar este lugar de destaque,

inicialmente, através do banimento das cidades e depois o enclausuramento, sem tratamento, mantido pelo orçamento da cidade. (Foucault, 1978).

A relação da loucura também é modificada em relação ao aspecto religioso, onde, no principio, ao louco não era vedado o participar dos sacramentos, sendo a ele atribuída uma inocência infantil. Depois, esta mesma disposição religiosa se modifica, associando a loucura ao vicio, se tornando um contraponto de reflexão para o homem sano, como é visto nas sátiras. Através desta mudança de perspectiva a respeito da loucura, o homem se vê liberto das responsabilidades morais. A loucura foi associada à morte, e neste sentido universalizada, fazendo parte da constituição humana. Porém, é a partir da filosofia, que resume tudo ao mundo da razão, que a loucura é excluída da realidade, como em tempos anteriores o louco já havia sido excluído do convívio social, é a partir do século XVII que os loucos começam a ser confinados. (Foucault, 1978)

A pesquisa de Foucault demonstra como o conceito de loucura sofreu uma transformação dentro da sociedade europeia, refletindo em sua forma de tratamento.

Assim, é importante ao se falar sobre saúde e doença mental respeitar os limites impostos pelos valores e conceitos do individuo e da sociedade onde ele está. As relações humanas estão condicionadas culturalmente, e por isso não pode ser generalizadas, pois, mesmo dentro de um contexto próximo, existem várias diferenças culturais e familiares que precisam ser respeitadas. Além disto, as teorias relacionadas à saúde não podem ser tratadas como absolutas devido ao dinamismo dos processos mentais. Talvez seja exatamente este dinamismo que faz com que não exista unanimidade nas hipóteses, e por isso é perigoso impô-las como leis.

As dificuldades conceituais são claras nos ramos da ciência. Elas são evidenciadas no fato de ser mais fácil classificar o que é doença mental do que definir saúde mental. Esta dificuldade de definição aponta para a possibilidade, de que dentro das ciências, se

prestigia mais o conceito de doença mental em detrimento do conceito de saúde mental. Certamente, é muito mais fácil identificar os quadros que evidenciam o desequilíbrio, do que definir um conceito muito amplo como o de saúde mental.

Porém, há razões históricas e filosóficas que embasam esta realidade, como foi dito anteriormente por Antônio Escohotado, a atual posição e a luta existente em relação à substância psicoativa, tem a sua origem na história e nas disputa de poderes dentro da mesma população, que tinham manifestações religiosas distintas, como também na sobreposição da cultura dominante sobre a cultura de um povo dominado, da religião do dominante sobre a religião do dominado. Onde a demonização de elementos desta cultura é um recurso utilizado neste combate. A associação da doença ao juízo divino também é uma forma pela qual a cultura relacionada à doença se forma, além de valores associados à racionalidade, como foi o ocorrido no século XVII, citado por Foucault.

Como em todo assunto, na ciência existem várias abordagens, que podem se diferir em muitos aspectos, mas que apresentam características complementares, mesmo que suas posições pareçam ou sejam, divergentes em alguns pontos, elas evidenciam uma forma diferente de abordar a questão.

Dentro do assunto saúde mental, a partir de uma abordagem sociocultural, em que a posição parte de uma visão Durkeimiana e etnopsiquiátrica clássica, pode-se definir a saúde mental considerando o comportamento médio dos indivíduos. Contudo, esta forma de avaliação não leva em consideração os fatores culturais, e nem o fato de que em uma sociedade não funcional o ajustamento do conceito como apresentando pela média dos indivíduos vai apenas produzir uma normalidade cultural, pois, a saúde mental só coincidirá com a normalidade mental de uma sociedade, quando ela for funcional.

Embora existam fenômenos ajustados à cultura e por ela considerados normais, tais fenômenos não implicam, necessariamente, normalidade mental. Enquanto numa sociedade doente o ajustamento ao padrão hegemônico

corresponde simultaneamente à normalidade cultural e à anormalidade mental, numa sociedade saudável normalidade cultural e normalidade mental coincidem. Isso significa que a norma não define um padrão cultural geral, podendo também expressar os padrões das subculturas e dos seus indivíduos. (Almeida F., Coelho e Peres, 1999)

Relacionar saúde mental com os padrões culturais faz com que ela se torne sinônimo de capacidade de adaptação às transformações culturais. O ajuste cultural e saúde mental se coincidem nesta abordagem.

Já na Psiquiatria transcultural, inaugurada em 1977, os padrões definidos como aceitáveis a partir de uma cultura supostamente geral, não servem para classificar outras culturas. Para que exista uma definição sobre a saúde mental é necessário uma mudança paradigmática, a fim de se desenvolver uma abordagem teórico-metodológica, capaz de considerar, antes de qualquer comparação transcultural, os significados locais e os padrões de comportamento a eles relacionados.

Esta mudança paradigmática envolverá a diferenciação entre patologia e enfermidade e uma distinção entre saúde física e mental. Pois dentro deste novo paradigma a patologia é a modificação no funcionamento dos órgãos, que pode ser reconhecido ou não pela pessoa como enfermidade. Desta forma, a patologia e a enfermidade podem ser uma construção social, visto que a enfermidade antecede a própria patologia, pois ela é a forma como se expressa e se lida com o processo de adoecimento, sendo estas concepções sobre o adoecimento compartilhadas no relacionamento médico paciente.

No paradigma médico ocidental, patologia significa mau funcionamento ou má adaptação de processos biológicos e psicológicos no indivíduo; enquanto enfermidade representa reações pessoais, interpessoais e culturais perante doença e o desconforto. A enfermidade é conformada por fatores culturais que governam a percepção, rotulação, explicação e valorização da experiência do desconforto, processos imbuídos em complexos e nexos familiares, sociais e culturais. Dado que a experiência da enfermidade é uma íntima parte do sistema social de significações e regras de conduta,

ela é fortemente influenciada pela cultura: ela é culturalmente construída. (Almeida F., Coelho e Peres, 1999)

Como a enfermidade e a doença são uma construção cultural, a cura também deve ser encarada desta forma, existe a necessidade de mudanças e ampliação de conceitos sobre a enfermidade, levando em consideração os conceitos etnográficos, clínicos, epidemiológico, sociais e psicológicos.

Posteriormente, de acordo com Almeida Filho et al. (1999), o aspecto moral é algo considerado na avaliação do fenômeno da experiência do adoecimento e da enfermidade. Visto que, os rituais a eles vinculados visam reconstruir o mundo que o sofrimento destrói. Assim, a doença e a saúde são um objeto, fruto da interação que sintetiza múltiplos significados. Desta forma, o conceito de doença e saúde são conceitos hermenêuticos e interpretativos, que no modelo atual se restringe ao conhecimento das cadeias de causas a nível biológico. A doença é causada por interações biológicas e também psicológicas, enquanto que a enfermidade se localiza no domínio do significado. Dentro deste aspecto o objetivo terapêutico é a enfermidade, a experiência humana do adoecimento, a qual se expressa através de sintomas dotados de sentidos.

... as relações e os comportamentos sociais eram modulados pela macroestrutura social e política, gerando significados sociais e experiências coletivas, dentre os quais se incluem as representações sobre a doença e o saber médico (Almeida F., Coelho e Peres, 1999, p105)

Uma consequência desta abordagem é que a doença não é limitada ao nível biológico. A própria palavra doença, não é um conceito neutro, nos remete a um conceito biológico e comportamental que são significado socialmente pelos sintomas. Estes sintomas são que determinarão a etiologia da doença e sua intervenção, o que justifica sua tradução. Porém, sintomas iguais podem corresponder a enfermidades diferentes e tratamentos que não se sobrepõem. Assim, o diagnóstico e o tratamento de uma enfermidade podem estar associados à condição econômica do paciente.

Segundo Vilma aparecida da Silva e Tadeu Lemos, em capítulo publicado no livro “Dependência Química, Prevenção, Tratamento e Política Pública, existe uma suspeição a respeito da introdução no mercado de novos medicamento, cujo efeito não acrescenta nada aos já existentes, e que custam muito mais do que os medicamentos já tradicionais no mercado.

No tradicional livro *Psychopharmacology: a Generation of Progress*, editado por Lipton e Colaboradores em 1983, já se encontra uma desconfiança em relação aos recém-lançados benzodiazepínicos, cujo preço era muitas vezes superior ao do Meprobamato, medicamento utilizado na época. (Diehl, 2001, p. 25)

Suas suspeitas chegam ao ponto deles registrarem a respeito das informações contidas em obras. “Nenhuma informação sobre as drogas psicoativas, nem mesmo as encontradas neste livro, é totalmente confiável, pois hoje, apenas a indústria farmacêutica realiza pesquisas nesta área.” (Obra de Kaplan e Sadock apud Diehl, 2001, p. 25)

Desde 1980, a escola Antropológica de Psiquiatria transcultural tem apresentado uma teoria de signos, significados e práticas de saúde mental. Esta teoria é ampla em seu escopo, envolvendo os critérios observados nos dois modelos anteriormente citados. Porém, ele acrescenta a ideia da esfera pessoal do sintoma, considerando o sintoma como uma forma de reorganização do ser e de ele se relacionar com a sua sociedade mais próxima, a família. Desta forma, deve-se levar em conta, ao falar de saúde mental, os fatores individuais, círculo familiar e a experiência individual do paciente; fatores locais, o desenvolvimento histórico local, organização social, valores culturais, universo sócio simbólico; e fatores globais, estrutura social, sistema e situação econômica, poder político e desenvolvimento histórico social. Propõe-se a aproximação do conhecimento popular sobre doença mental, do conhecimento médico, porque o conhecimento popular foi construído historicamente. (Almeida F., Coelho e Peres, 1999)

Desta forma, é necessário que, ao se considerar os temas: religião, substâncias psicoativas e saúde mental, levar em

consideração que as posições que se tem hoje a respeito destes temas são resultados de uma construção sociocultural, que serve a inúmeros interesses e ideologias. E que a forma como se vêem estes temas não é a única forma possível, e que em função das concepções que se têm, estes temas serão problematizados de forma diferente, e que em função das visões que se têm, fatores que podem contribuir para o bem da saúde mental, podem ser marginalizados e considerados de forma indevida, como um problema ou um mal social. Existe urgentemente a necessidade de uma nova abordagem sobre estes temas, considerando o homem como um todo, além de análise destes fatores dentro de um contexto mais neutro e menos predeterminado como o que é observado na atualidade. O uso de substâncias psicoativas é uma realidade, mas uma realidade que acompanha a história da humanidade, o problema precisa ser definido é o abuso que se faz destas substâncias. A religião institucionalizada contribuiu muito para os piores episódios da história humana, mas ela também produziu uma inumerável quantidade de pessoas que contribuíram para o desenvolvimento da humanidade, através da piedade e da fé. O problema da religião não é a religião, mas os abusos cometidos em nome dela, e quando se fala da experiência religiosa, a questão ainda se torna mais favorável, pois a experiência religiosa é uma experiência humana, que traz muitos efeitos positivos para a vida da pessoa, desde que ela seja uma experiência equilibrada, por isso novamente o problema das experiências, não são as experiências em si, mas a forma abusiva em que muitas vezes elas se dão , seja a experiência religiosa, seja a experiência com as substâncias psicoativas. Todas elas irão afetar o homem tanto no seu corpo, como em sua mente.

## CAPITULO 2:

### EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E SEU IMPACTO NA VIDA HUMANA

#### **A experiência religiosa.**

Quando se fala em experiência religiosa existem alguns assuntos dentro de seu campo semântico, como: religiosidade, fé e conversão. Estes estão correlacionados profundamente e alguns até se confundem, pois, durante muito tempo serviram como sinônimo um do outro, como é o caso da religiosidade e da fé. A distinção entre estas duas ideias observada em Soren Kierkegaard, que as distinguiram afirmando que a fé é uma expressão da vontade e que se relaciona ao ser humano adulto, enquanto que a religiosidade é um ato infantil.

[...] um ato da liberdade, uma expressão da vontade, uma decisão do ser humano, e por isso forçosamente um ato do ser humano adulto, pois a criança não pode tomar decisões em responsabilidade própria e portanto, ainda não pode ter acesso à fé. Em vista disso, a evidente religiosidade da criança é desinteressante. (Fraas, 1997, p.28)

Segundo Fraas, outro teólogo que irá se pronunciar, de forma interessante, sobre o que é a fé, é Rudolf Bultmann. Para ele, a fé é um ato da vontade, uma resolução, uma decisão em resposta a palavra de Deus, porém ele continua a relacionar esta vontade humana como o resultado de uma ação imediata de Deus.

[...] a fé cristã como ato da vontade, uma resolução, mais precisamente: uma decisão, a saber, a resposta à palavra de Deus, a aceitação do convite de Deus – não importando de que forma o chamado à fé atinge o ser humano. Isso se afirma a partir do ponto de vista humano. Do ponto de vista da própria fé, ela é um presente de Deus. (Fraas, 1997, p. 28)

Ainda segundo Fraas, a posição de Karl Barth será mais radical do que a de Bultmann, pois ele contrapõe a religião à fé, por entender que a religião é uma tentativa humana de auto redenção, enquanto que pela fé o homem se relaciona com Deus.

[...] Na fé o ser humano é atingido pelo movimento vital de Deus. Isso também pode ocorrer na criança. Barth descreve

a fé como “a simples descoberta da criança de se encontrar na casa de seu pai ou no colo de sua mãe”. Quando, porém, logo em seguida descreve a fé como “reconhecer, conhecer, confessar” a criança fica excluída. Também para Barth, portanto, a criança com sua religiosidade se encontra contraposta á fé. (Fraas, 1997, p.28)

É interessante observar que a diferenciação entre religião e fé, de religiosidade e fé e a modificação da ideia da fé como sendo uma ação de Deus, como estava presente dentro da teologia sistemática, passando a ser uma expressão da humanidade, surge a partir de alguns teólogos sistemáticos. Estes conceitos serão aceitos pela Psicologia: a fé não é a religião, ela é um ato da vontade, uma resolução.

Porém, existirá uma diferenciação entre as posições destes teólogos e a já existente dentro da Psicanálise. Para estes teólogos a fé é uma expressão do ser humano maduro, já para Freud, a fé está relacionada com infância e a adolescência, com a imaturidade, enquanto que para Jung a fé é algo que se manifesta de acordo com os conteúdos internos da psique. (Fraas, 1997).

Dentro da Psicologia da Religião, a fé tem sido considerada um elemento estruturante do ser. Fraas apresenta esta idéia citando vários autores em sua argumentação.

Foi demonstrado especialmente por Michael Klessmann que a fé serve para a constituição ou estabilização da personalidade. O objetivo psicológico religioso de Klessmann é evidenciar “a funcionalidade psíquica da fé, ele analisa as simbolizações sob o aspecto de serem “reflexo da estrutura psíquica”. Apoiando-se em Heinz Muller-Pozzi ou em Alfred Lorenzer, descreve o simbolismo religioso como “produção unilateralmente criativa do eu”. (Fraas, 1997, p. 29 e 30)

A fé está na base de toda a experiência religiosa e faz parte da construção da própria personalidade, portanto, é um elemento presente na criança, que vai capacitá-la a absorver certos símbolos, visto que a finalidade dos símbolos é construir a personalidade. No entanto, não se deve confundir a fé com um acervo de material simbólico, que estaria à disposição dos interesses de higiene psicológica, pois ela está associada à assimilação dos conteúdos

simbólicos necessários para que a personalidade se forme. (Fraas, 1997)

Este processo de formação da personalidade, não está limitado somente às crianças. A fé ainda continua exercendo seus efeitos sobre o ser humano em todas as idades, ela ainda estará associada à assimilação de valores simbólicos, que poderão assumir um sentido e culminar em uma ruptura em relação aos valores passados em um momento de crise, dando origem àquilo que é denominado conversão. Ela é a manifestação mais radical de uma experiência religiosa, que pode vir acompanhada de sintomas psíquicos e somáticos. (Fraas, 1997)

A conversão, no sentido psicológico, não se restringe a esfera religiosa, mas pode ocorrer em todas as dimensões da orientação axiológica do ser humano. Nisto ela justamente não se revela como uma teoria da gênese da religiosidade, mas limita-se a ser uma das mudanças aparentemente repentinas da estrutura psíquica, ao passo que o religioso propriamente dito é pressuposto. (Fraas, 1997)

A fé também se manifestará de forma mais gradativa e lenta, através das mudanças paulatinas de valores, onde em determinado momento a pessoa descobre que a muito se tornou outra pessoa, que tem outra visão de mundo. (Fraas, 1997)

Assim, a experiência religiosa é uma experiência profunda, que resulta da assimilação de valores através da fé. Ela pode se dar através de uma ruptura dramática com o passado ou de forma paulatina, dependendo da pessoa e das situações vivenciadas, o que é chamado de conversão.

A experiência religiosa como conversão pode contribuir com a ruptura com as práticas passadas, que eram prejudiciais a pessoa, como é o caso do uso abusivo de substâncias psicoativas. Isto pode ser mais bem entendido à medida que se tem uma perspectiva holística do ser humano.

## **O homem em uma abordagem integral**

As ciências, de uma forma geral, tratam o homem produzindo uma distinção entre corpo e mente (alma). Este tipo de abordagem não considera o homem como uma unidade, onde o corpo e a mente fazem parte de um todo e tudo que afeta o corpo afeta a mente e tudo que afeta a mente, também, afeta o corpo, dentro de uma sincronicidade.

A visão psicossomática do homem considera a existência destas instâncias do ser humano, mas tratam-nas de forma estanque, sem procurar relacionar os fatores que envolvem determinadas doenças nestes dois níveis, mente e corpo.

A abordagem holística, ao contrário, considera a existência destas duas dimensões do ser humano e reconhece que elas estão profundamente relacionadas, dando origem a uma unidade mais ampla, que extrapola o limite do corpo e da mente, nesta abordagem o corpo corresponde ao Self.

Dentro desta abordagem, a Dra. Ramos pretende estabelecer a correlação entre as doenças orgânicas e os estados psíquicos. Esta abordagem é muito interessante para a questão da Experiência Religiosa como caminho para a regulação e proteção do uso abusivo de substâncias psicoativas, pelo fato dela apresentar um conceito mais amplo sobre o ser humano, não reduzindo seus problemas somente a uma questão orgânica ou uma questão psíquica e nem a uma relação de causa e efeito, mas mostrando a inter-relação existente entre fatores normalmente associados à mente e fatores normalmente associados ao corpo dentro de uma sincronicidade.

Quanto ao problema de consumo abusivo de substâncias psicoativas, esta proposta tem muito a contribuir, visto que, este consumo está no limiar destas duas dimensões do homem, corpo e a mente, em que as posições científicas tradicionais trabalham desassociadas e concorrentemente. A dependência química tem sua origem tanto em problemas orgânicos, como também em problemas

psicológicos, ou seja, é um problema do ser como um todo e não somente do corpo ou da mente.

Esta abordagem está fundamentada em alguns conceitos Junguiano. Jung fala que os sintomas físicos e psíquicos são manifestações simbólicas do complexo patogênico total da pessoa. Este complexo patogênico, não é outro senão a formação de uma personalidade mórbida que em suas tendências e resoluções se movem somente na direção do desejo inconsciente de ficar doente. (Ramos, 2006)

Além da atuação deste complexo patogênico afetar e alterar certas funções orgânicas que estão ligadas ao sistema autônomo central, segundo Ramos (2006), o pensamento Junguiano apresenta o complexo como um conjunto de ideias, as quais têm uma autonomia em relação ao Ego, assim, este complexo patogênico atua autonomamente em todo o ser de uma forma complexa e concorrente com o próprio ego, isto porque eles se assemelham, pois tanto o Ego como o Complexo tem uma dupla base uma de origem psíquica que é o Arquétipo do Self e outra de base somática, que é a totalidade do corpo. Tanto o Self como o Corpo são compostos por percepções conscientes como também inconscientes. Desta forma, observa-se uma correspondência entre o Self e o corpo, este dois aspectos constituintes do ser humano são indissociáveis.

Podemos então observar que todo o complexo, inclusive o Egóico, tem um padrão específico de imagens e sensações sinestésicas. A auto-imagem corporal faz parte do complexo do ego, assim como todas as sensações sinestésicas presentes na consciência, formando no indivíduo normal uma estrutura coerente e relativamente estável. ( Ramos, 2006, p. 55)

Tudo no ser humano se processa de forma simbólica. Os símbolos são de extrema importância para o processamento de todos os traumas sofridos. A formação do símbolo é resultado tanto da relação do Ego e do Self, como também de uma representação corpórea. “A consciência corpórea é uma percepção de uma parte do corpo total, do Self corpóreo.” (Ramos, 2006)

A dependência química, como resultante de uma expressão simbólica, provém de traumas que afetou a totalidade do ser que é identificado como corpo psíquico e expressado através do corpo simbólico, sendo que este conteúdo só pode ser processado e trabalhado através da consciência.

O desenvolvimento da consciência traz novos conhecimentos tanto do Ego, como do corpo. Estes são sempre parciais, pois o conhecimento completo do corpo corresponde ao conhecimento completo do Self. Apesar de parcial, ele é importante para que se evite que este conteúdo simbólico, que é produzido na interação da parte consciente do corpo e do Ego, tenda a imergir nas partes mais profundas do inconsciente, pois se isto acontecer, quanto mais profunda for a sua imersão, maior será a sua correspondência aos impulsos do sistema autônomo central. (Ramos, 2006)

Talvez seja exatamente na falha de processamento destes símbolos criados pelo Ego-Self e pelo corpo, que aqueles que se envolvem no uso abusivo de substâncias psicoativas irão se diferenciar daqueles que, mesmo na condição de já terem experimentado o uso de substâncias psicoativas de forma abusiva, não irão desenvolver um quadro de dependência química.

O grau de desenvolvimento deste quadro pode estar associado com o aprofundamento no inconsciente destes elementos simbólicos não trabalhados no nível da consciência, gerando problemas de origens mais profundas, quanto mais estas patologias forem relacionadas ao corpo, mais profunda será a instância do inconsciente de onde são provenientes. É extremamente importante que a pessoa consiga, na medida em que for submetido a certo estado emocional, elaborá-lo simbolicamente de forma abstrata, pois ele pode se tornar uma manifestação puramente concreta e somática.

A dinâmica da teoria holística parte da ideia de que, apesar das manifestações das doenças serem no campo psíquico e no campo somático, estes dois campos estão correlacionados, dando origem a um terceiro campo que se denomina como corpo psíquico ou o corpo

sutil, que é um campo intermediário entre a mente e a matéria, onde suas características podem se manifestar tanto na forma mental como na material. Neste corpo sutil, o corpo participa da psique por meio dos símbolos estruturantes que expressam suas particularidades. O corpo simbólico é definido como o conjunto de significados psicológicos do corpo somático, estes podem ser vividos ativa ou passivamente. Na forma passiva se vê a manifestação de sintomas, enquanto na forma ativa se observa o estabelecimento de uma relação com o símbolo emergente, integrando-o na consciência, afetando, desta maneira, os sistemas corporais, dando nossa identidade e forma de conhecimento do mundo. (Ramos, 2006)

Nesta teoria, o corpo humano é comparado a uma rede de sistemas informativos (genético, imunológico, hormonal, entre outros), onde cada um destes tem um código. A transmissão destes códigos necessita de um transdutor que possibilite a conversão do código de um sistema para o outro. A mente é um meio de decodificação, processamento e transmissão de informação do organismo, a psique e o soma. Segundo Ramos, esta codificação e decodificação ocorrem, principalmente, no sistema límbico-hipotalâmico. É nesta ação de decodificação e codificação dos símbolos que são as informações transmitidas, e ocorre a transformação de energia, que pode produzir sonhos, os quais podem informar os acontecimentos orgânicos, que produz o problema psíquico ou somático.

Esta mesma energia pode ser a fonte curativa para estes problemas na medida em que ela não é negligenciada por posições racionalistas e desvalorizadoras. O ponto de partida é o estado emocional, mergulhando em seu humor, conhecendo suas fantasias e outras associações que emergiram trazendo a tona afetos anteriormente não relacionados de forma clara, devido à ação da mente consciente. Este conhecimento pode ser realizado através de processos artísticos, dentre outros. (Ramos, 2006)

Esta forma de ver e tratar o paciente implica na concepção da existência de uma “sincronicidade entre dois fenômenos que se ocorrem simultaneamente, sem relação de causa e efeito entre si, mas com relação de significado”. (Ramos, 2006, p.72) Assim toda doença tem sua expressão no corpo e na psique simultaneamente.

Considerando que o uso abusivo de substâncias psicoativas é uma manifestação do campo sutil, que afetará o ser humano como um todo, e que na a religião, em particular a Cristã, em seu livro sagrado, a Bíblia, irá estabelecer procedimentos em relação ao uso destas substâncias psicoativas, no caso, o álcool. Estes servirão como medida para se considerar a saúde da pessoa. Pois, esta não esta na proibição, mas no controle, visto que a proibição é uma relação que se tem por base o medo do descontrole. Desta forma a regulação pelo principio religioso servirá para avaliar como está a pessoa, o descontrole apontará para uma condição não saudável do seu corpo sutil. Tanto o uso abusivo de substâncias psicoativas, como a dependência química pode ser considerado formas de manifestações de alguma anormalidade do corpo sutil. Estas manifestações são do tipo passiva, se evidenciando somente como sintoma. A mente é o local onde estes símbolos emergentes do corpo e da psique deve ser decodificado. Mas, devido à qualidade da manifestação deste conteúdo, ela não consegue decodificá-lo, em decorrência disto, ele não pode ser assimilado pela consciência. Isto ocorre por causa do conteúdo do trauma, que foi desassociado em sua parte cognitiva da sua parte emocional, em muitos casos. Assim o usuário ocasional e o dependente químico muitas vezes procuram a substância psicoativa, mesmo contra o seu querer, em muitas situações, e mesmo aqueles que apresentam um motivo para o seu uso, conforme são tratados, adquirem o conhecimento de um conteúdo, que até então lhe era oculto.

No tratamento da dependência química, a medida que a pessoa começa a ter contato com este conteúdo interno, observa-se que muitas delas, começam a ter sonhos com o uso da substância

química dentre outros. Esta experiência do sonho pode ser explicada pela energia que é produzida pelo sistema límbico-hipotálamo. Esta energia manifestada poderá contribuir para uma melhor recuperação do dependente.

Além disto, a unidade, que é descrita como corpo sutil fica evidenciada através das reações relacionadas a abstinência do dependente químico. Ele, nesta condição, passa por uma necessidade tão acentuada da substância, que em muitos casos, fuma e cheira outras substâncias inócuas, mas que apesar disto, geram efeitos semelhantes as das substâncias psicoativas. Em alguns casos, as crises se dão e mesmo sem o uso de qualquer substância, o dependente químico tem a sensação que teria ao utilizar substâncias psicoativas.

Desta forma, os sintomas físicos e psicológicos precisam ser considerados, pois a desintoxação, não é sinônimo de recuperação, a recuperação se dará à medida que os problemas do corpo sutil gerados pelos complexos e que são manifestos em nos aspectos físicos e psicológicos, que nunca podem ser desassociados, sejam assimilados pela consciência e controlados pelos valores simbólicos adquiridos pelo “ex-dependente”.

O uso de substâncias psicoativas é algo extremamente prazeroso, e por isso, a apologia contra o seu uso abusivo não pode ser, exclusivamente negativa, a partir dos danos que ela produzirá ao usuário, pois o usuário, muitas vezes utiliza desta substância, motivado inconscientemente por um desejo de morte. O combate ao uso abusivo precisa se dar através de formas positivas, reforçando os valores da vida, reconstruindo a identidade do indivíduo em relação a família e a sociedade, desta forma este combate se dá a nível simbólico. Isto não é tarefa fácil, pois nas condições mais graves de dependência a própria família já excluiu o dependente de seu convívio.

A definição e a visão que se tem da doença, estabelece a forma do tratamento. Por se saber que a doença são manifestações

simbólicas de uma condição anormal do corpo psíquico, o tratamento deste problema deverá levar em consideração a apropriação deste conteúdo, o processamento dele e a sua assimilação pela consciência, tendo em mente que as doenças têm uma finalidade compensatória, e visam levar o indivíduo a se reintegrar ao eixo com o seu Self. A doença não é o desequilíbrio ela é causada por ele que está presente no corpo sutil ou corpo psíquico. Dentro deste prisma, “os elementos genéticos e sociais são instrumentos pelos quais age o mecanismo compensatório.” (Ramos, 2006, p. 74).

Apesar deste modelo do processo de cura ser fundamentado em conceitos Junguianos, ele em si não é um sistema fechado que prescindir de outros modelos e processos, ele simplesmente apresenta uma forma mais integracionista do ser humano, ressaltando na sua unidade. Ele também orienta a importância de se conhecer a origem do significado da doença, mas também o seu propósito. (Ramos, 2006) Assim toda intervenção realizada no ser humano irá afetá-lo como um todo, desta forma, passa-se a considerar como válidas as intervenções não somente feitas através das áreas relacionadas à psicologia e à medicina, mas também aquelas que ocorrem de formas alternativas, como através do teatro, da música, do esporte e da experiência religiosa.

Esta sincronicidade entre corpo e psique é algo que pode ser observado até mesmo nos postulados gerais da psicologia no fim do século XIX e início do século XX. Porém, a sua compreensão dependerá dos pressupostos de quem observa. Willian James, em seu combate contra a visão meramente patológica que da Psicologia e da Medicina impunham a religião afirma que:

De acordo com o postulado geral da psicologia a que acabamos de referir-nos, não existe um só dos nossos estados de espírito, baixo ou alto, saudável ou mórbido, que não tenha por condição algum processo orgânico. As teorias científicas estão condicionadas organicamente tanto quanto as emoções religiosas; e se conhecêssemos os fatos de maneira assaz íntima, veríamos, sem dúvida, o "fígado" determinando os pronunciamentos do ateu convicto de forma tão decisiva quanto os do metodista igualmente convicto cheio de ansiedade pela sua alma. Quando ele

altera de um modo o sangue que se filtra através dos seus tecidos, temos a forma de espírito metodista mas quando o altera de outra maneira, temos a forma de espírito atéia. O mesmo se verifica com todos os nossos raptos e friezas, nossos anseios e agitações, nossas perguntas e crenças. Eles são igualmente de fundo orgânico, seja o seu conteúdo religioso ou não. (James, 1997, p.17)

James, neste argumento está ironizando a postura psicológica e médica de seus dias de associar somente a experiência religiosa como um resultado da função endócrina, e de forma negativa, patogênica. Ele chama a atenção de que se a experiência religiosa é resultado das glândulas a experiência supostamente não religiosa também tem a sua origem dentro desta perspectiva.

Apesar de não ser esta a intenção de James neste texto, sua colocação serve para se avaliar, o ser humano como um ser determinado pelas suas funções endócrinas, sem dúvida, seus comportamentos e reações estão associados a este aspecto físico, no entanto, este aspecto não é o único a ser considerado, pois o aspecto psicológico irá produzir reações físicas como a produção de hormônios que irão estimular a reação do corpo.

A tendência das definições observada nas áreas relacionadas a ciências médicas decorrem da compreensão que se tem a respeito do ser humano. O homem é considerado como um mero ser biológico e tudo que o que ocorre com ele, se pretende explicar biologicamente. A ideia de se relacionar o humor às glândulas é uma teoria extremamente antiga, remontando ao pensamento grego de Hipócrates (460 a 370 a.C.). A medida que esta perspectiva sobre o homem se modifica, então, a forma de tratá-lo também variará. Apesar de o homem ser corpo, ele não é geneticamente determinado, os códigos genéticos apresentam potencialidades existentes, que irão se desenvolver em função de fatores externos, os quais também não os determinarão, visto que, é na esfera do corpo sutil, que estes fatores externos serão assimilados, e em função do tipo de assimilação é que o corpo sutil irá reagir através de manifestações somáticas e psíquicas. A glândula estará relacionada ao quadro de humor, mas o problema do humor e da glândula é mais profundo, o

todo é maior que as partes, o tratamento das partes pode refletir sobre o todo e até solucionar o suposto problema, mas, em muitas ocasiões a solução de um sintoma, perpetua a permanência da doença que se manifestará de forma diferente e mais intensa.

Por isso é necessário verificar qual é o tipo da visão que se tem por traz das teorias médias e psicológicas.

### **O perigo do reducionismo psicológico do homem e de suas experiências.**

Na busca da saúde mental, é muito importante se considerar os efeitos que a religião, em sua expressão mais particular, a experiência religiosa, tem promovido na vida de inúmeras pessoas. Vários trabalhos têm apontado para isto, mostrando que a experiência religiosa tem sido um meio protetivo para muitos problemas relacionados à saúde, a fé tem sido considerada e estudada em sua influência no tratamento de doenças físicas. Esta mesma fé, tem se demonstrado como um fator de importância, tanto na proteção, quanto na recuperação de pessoas, que sofrem com o uso abusivo de substâncias psicoativas.

A psicologia é a área da ciência voltada para o estudo dos fenômenos comportamentais do homem, entre eles as experiências religiosas e o uso abusivo de substâncias psicoativas. O objetivo de toda ciência é a compreensão e através desta promover o bem estar do ser humano.

O ser humano é um ser complexo, assim, posições reducionistas apresentadas por algumas linhas de pensamento, como as que assumiram a posição da Psicanálise Freudiana, de relacionar a experiência religiosa dos místicos a problemas de ordem emocionais e mentais ou, como G.S. Hall que reduziu a experiência religiosa a uma experiência da adolescência, comparando-a a revolução sexual que ocorre nesta fase da vida, ou ainda como J.B Watson, que reduziu a experiência religiosa ao comportamento, afirmando que este é o único elemento quantitativo e previsível e por

isso perdendo a dimensão emocional desta experiência; ou como, W. Sargant que aborda o tema conversão a partir do condicionamento clássico Pavloviano; ou a psicologia cognitiva que trabalha a experiência religiosa a partir dos processos mentais da memória humana, visando compreender e prever seu comportamento. Ainda há outras áreas da psicologia que reduzem não só a experiência religiosa, mas as demais experiências a termos biológicos da personalidade. (Ávila, 2007)

Estas linhas de abordagens podem e contribuem com o estudo da Psicologia da Religião, e para a compreensão e tratamento do homem. Porém para se ter uma compreensão melhor sobre a Religião e sobre o homem, é necessário uma visão mais ampla. Somente quando se vai além dos pressupostos, além das posições predefinidas sobre a experiência religiosa é que de fato se pode fazer Ciências da Religião, porque a experiência religiosa revela algo de profundo e complexo do homem, evidenciando que a realidade do homem com homem não lhe é suficiente, se fosse, as suas experiências seriam todas imanentes. A experiência religiosa revela o sentido do transcendente, é como se o homo sapiens não pudesse deixar de ser homo religiosus. (Vale, 1998)

Estas visões reducionistas observadas em algumas linhas de pensamentos, também podem ocorrer quando o assunto é dependência química. Isto porque, ela está envolvida por muitas disposições e por questões ideológicas, além de ser um assunto, onde apesar de sua antiguidade a ciência não tem a compreensão necessária para estabelecer a dimensão do problema e atuar em sua resolução. Assim, quando se pensa no homem de forma holística, se abre uma enorme possibilidade de intervenções que poderão dar resultado, e também abrirá o nosso leque de aceitação a respeito de intervenções que não são necessariamente ligadas a uma ciência, e que surtem efeito sobre a dependência química em uma determinada pessoa. Um é “curado” através de uma experiência religiosa, outro se “liberta” do uso abusivo de substâncias psicoativas através da

prática do esporte ou do teatro ou da dança. Estas intervenções produziram algo no ser, seja na sua mente e no seu corpo, ao se tornar “um novo homem” ou ao se descobrir e se valorizar através do esporte ou das artes.

Assim, dentro da perspectiva holística do ser humano, as intervenções destas várias linhas da psicologia são significativas, pois elas poderão produzir efeitos sobre alguns aspectos e compreender como estas outras intervenções de cunho alternativo e não científico produzem efeitos sobre todo o ser humano, podendo desta forma colaborar para que o problema evidenciado pelo sintoma doença venha a ser sanado.

Muitos dos problemas do homem estão associados aos desequilíbrios produzidos pelo seu contexto. A pós-modernidade tem fornecido um contexto de difícil assimilação para o homem devido à velocidade de suas transformações. O tipo de religião que se desenvolve, bem como o uso abusivo de substâncias psicoativas, pode ser um sintoma e não o problema da sociedade, a medida que ela perde os seus valores e seus significados.

### **O Homem e suas relações na pós-modernidade**

Dentro da perspectiva da pós-modernidade, todas as experiências estão voltadas para o indivíduo, tudo visa o seu bem-estar, que neste contexto é sinônimo de prazer e liberdade. Desta forma, as experiências religiosas e com as substâncias psicoativas obedecem ao mesmo fim das demais experiências, elas são orientadas pela liberdade e pela busca do prazer. Sendo completamente desconsideradas as tradições e suas doutrinas associadas ao seu uso no passado. (BAUMAN, 2001)

Esta desconsideração e desconstrução dos valores levam os homens a entrar em uma crise de significado, o que os remeterá à busca de novos significados, isto pode ser observado pelo ressurgimento das religiões, em particular daquelas de conteúdo

mais místicos, inclusive no seio do próprio Cristianismo. A religião de uma sociedade fluidificada será uma religião fluidificada, voltada para as necessidades básicas da sociedade, que são liberdade e prazer, são evidenciados no ter, seu caráter moralizador não terá mais lugar, surgindo uma religião pragmática. (Pierucci, 2000)

Na pós-modernidade, o enfoque da religião está voltado para o seu caráter individual. Nos períodos anteriores, a espiritualidade remetia o indivíduo à comunidade. Na pós-modernidade, é possível viver a sua espiritualidade independente de credos e religiões, e muitas vezes associado a temas, valores e instituições que não são de caráter religioso. A busca do prazer pode ser uma busca religiosa, onde o indivíduo lançará mão de todos os meios para alcançar seus propósitos finais: a liberdade e o prazer.

Esta busca do prazer e da liberdade pode levar o homem a uma situação de anomia. Na situação de anomia, pluralismo e transição criada pelo consumo e pelo 'mercado' de ofertas religiosas, os indivíduos parecem experimentar processos de buscas que afetam suas emoções, seus valores e seus comportamentos, recentrando-os, de alguma forma, no religioso e no espiritual.

Mesmo em um contexto que promove o individualismo e a possibilidade de viver sua espiritualidade desassociada do convívio social, a experiência religiosa readquire uma função reordenadora da percepção de si (autoimagem, senso de identidade) perdida com o desencantamento do mundo, provocado ali onde a razão secularizada adquiriu hegemonia. O religioso exerce, além disto, uma função de inserção e/ou reinserção do indivíduo em um grupo respectivamente em um meio sociocultural motivador e dotado de sentimento. (Valle. 2002)

Esta reorganização do ser resultaria no estabelecimento de uma identidade. Na sociedade arcaica, a identidade do indivíduo está associada ao grupo social. Na pós-moderna a identidade está associada ao próprio indivíduo, por isso, este precisa buscar novos valores que o defina, assim, na pós-modernidade, ele está em

constante transformação, pois se transforma segundo as pressões sociais que o rodeiam, o mercado e o consumo. (Hall, 2001)

Porém, apesar das referências do indivíduo ter mudado na pós-modernidade, a constituição deste ainda permanece a mesma e as suas necessidades de referências permanecem vívidas. Desta forma, ela se dá tanto em relação a si mesmo, como em relação ao grupo social. A liberdade e o prazer buscado pelo homem pós-moderno podem ser alcançados através de relacionamentos significativos, pois são estes que irão atribuir identidade ao indivíduo. Livrando-o deste processo de crise, pois a crise na pós-modernidade é uma crise de significado e de identidade.

### ***A questão da identidade do dependente químico.***

Dentro da pós-modernidade, o que envolve o homem é uma questão de identidade, visto que o homem, filho da modernidade, perdeu seus referenciais metafísicos, dentro de uma realidade pluralista.

Contentar os filhos e filhas da modernidade, que necessitam de orientação, com o sucedâneo da visão de mundo que substituiria as certezas perdidas pela fé religiosa ou das definições que o homem ocupa no cosmo. (Habermas, 2004, p. 323)

Esta perda de referências se dá, não em relação a um indivíduo, mas em relação a todos os que fazem parte de uma cultura, no caso a Ocidental, no entanto, pessoas reagirão diferentemente em relação a esta nova realidade estabelecida. Algumas terão dificuldade de se adaptarem, e romperão com esta realidade, no entanto, elas não poderão voltar às bases culturais anteriores, pois elas não mais existem, por isso ficam sem referência, em relação ao grupo social dominante.

Estas pessoas, então, tendem a ficar na marginalidade, formando uma subcultura, não tão organizada como a cultura dominante, Mas com alguns aspectos em comum. A.K. Coren (apud Rui Tinoco) afirma que uma subcultura emerge sempre que exista um

número suficiente de indivíduos com dificuldades de adaptação semelhantes e sempre que a interação social permita o mínimo de contato entre eles. (Tinoco, 1999, p.13)

Este contato é algo determinado pela relação com a substância psicoativa, o que irá conferir o contato com outros usuários e fornecedores, como também através da marginalização, que pode vir como resultado do uso abusivo de substâncias psicoativas. No entanto, o contato com esta substância não é a única forma de se criar uma subcultura, a ideologia também pode produzi-la, e dentro desta ideologia pode estar presente o uso abusivo de substâncias psicoativas, como foi o caso do movimento Hobbies, nos anos 60.

Tinoco, em seu artigo, apresenta um quadro histórico sobre o desenvolvimento do consumo de heroína em Nova Iorque durante o período posterior a primeira guerra mundial. Neste quadro ele mostra que a heroína estava inicialmente presente em grupos associados ao crime, com o decorrer do tempo, passou a fazer parte do uso dos grupos minoritários de outras etnias, sem que isto gerasse muitos problemas sociais. Passou então a fazer parte da prática das gangs de jovens, mas o seu efeito mais evidente associado ao aumento da criminalidade ocorreu, quando o governo aplicou severas restrições que culminou com o desabastecimento do mercado, fazendo com que alguns traficantes não tradicionais surgissem, os quais através de medidas periódicas de desabastecimento produziam um aumento no preço das substâncias psicoativas, e uma pior qualidade do material fornecido. Isto aumentou o índice de criminalidade e destruiu os vínculos existentes nas subculturas envolvidas com o uso dessas substâncias a um relacionamento meramente instrumental. Neste relato histórico, é evidente que a ação repressiva ao consumo gerou piores efeitos do que o próprio aumento de consumo que envolveu os grupos minoritários e até mesmo as Gags. (Tinoco, 1999, p.15)

Além destes fatos registrados na história da luta contra as substâncias psicoativas em Nova Iorque, outro motivo que está associado ao aumento do crime entre os usuários é a perda de

emprego e o aumento do consumo por usuários estáveis. Estes irão fazer uso do mundo do tráfico e do crime para manter a sua estrutura de vida. Assim, não são os elementos da subcultura que motivará, inicialmente, o ingresso deste usuário ao crime, mas a necessidade de manter a sua estrutura de vida. (Tinoco, 1999)

Se, é muito complexo estabelecer o desenvolvimento de uma identidade dentro dos grupos relacionados ao uso de substâncias químicas, devido aos fatores relacionados ao consumo e a repressão, pode-se tentar ver o indivíduo a partir de outra intervenção, não no consumo, mas na significação que o indivíduo tem de si mesmo. Isto porque se a rotulação tende a perpetuar a condição, na medida em que o Estado consegue atingir o indivíduo em seu significado através de ações positivas, as disposições do indivíduo mudam em relação ao Estado e a cultura dominante. Isto é afirmado por P. Veyne, no livro *Indivíduo e Poder*. Já para Stuart Mill, o uso de substâncias psicoativas pode ser considerado como um ato de coragem diante de um Estado que se opõe a vontade de alguns indivíduos, nessa perspectiva de Stuart Mill, a identidade do indivíduo está sempre em relação ao poder público, variando em função do resultado do processo de socialização, assim, a subcultura, na sua forma mais instrumental, pode ter uma função de suporte psicológico do indivíduo desviante. A gestão da imagem de si pode ser que se definirá em relação ao grupo dominante, visto que na medida em que a pessoa se encontra desacreditada tende a se envolver ainda mais com uso de substâncias psicoativas.

Percebe-se, apesar da complexidade em determinar a identidade, pode-se observar que alguns conceitos psicossociais são evidenciados na formação de uma identidade.

### **Identidade e a experiência religiosa**

O homem na pós-modernidade é um homem a procura de uma identidade. Isto ocorre devido da fluidificação de suas relações e a

sua individualização. Dentro desta busca por uma identidade, um dos fenômenos observado é o da conversão. Na conversão o indivíduo acaba assumindo a identidade que o relaciona a um grupo.

Normalmente pensamos na conversão associada somente às mudanças religiosas profundas, porém pode-se pensá-la como uma mudança radical de vida, que pode ocorrer em relação a muitos pontos, em relação a muitos grupos.

A conversão é um fenômeno profundo que normalmente se dá em um momento de crise, ela confere ao indivíduo novos significados simbólicos importantes para a sua existência, a conversão é um processo de ruptura com uma realidade e o nascimento para outra.

A conversão religiosa, que decorre de uma experiência com o transcendente, irá trazer novos significados que poderão implicar em uma mudança radical de vida, mudando as disposições em relação às práticas antigas. Ela dentro do contexto religioso é considerada uma experiência que pode ser verdadeira ou falsa, por isso seus resultados podem estar atrelados a veracidade desta experiência.

Para se falar sobre conversão e de outra experiência que produza uma identidade como é o caso do uso abusivo de substâncias psicoativas é importante se falar sobre relação com o grupo social. Aqui é importante observar que segundo a teoria da identidade social da Escola de Bristol, ao se falar sobre identidade, se parte de três conceitos fundamentais: categorização social, identidade social e comparação social, no entanto de forma geral entre os sociólogos da religião, também é aceito que esta identidade ocorre no nível da imaginação e do simbólico. (Paiva, 2004)

Quando esta identidade ocorre com a predominância da imaginação, não se dá origem a uma genuína conversão, isto porque não existe uma mudança de fé, somente o assumir de alguns valores da outra religião, dando origem ao sincretismo.

Imaginário e simbólico organizam a vida psíquica sob aspectos diferentes e uma vez constituídos no psiquismo mantêm-se íntegros e com funções complementares. Aplicados ao estudo das transformações da identidade religiosa, a predominância do *imaginário* indicará a manutenção essencial da referência religiosa anterior, com

o acréscimo, por assimilação, de elementos da nova referência; a predominância do *simbólico* indicará a substituição do sistema anterior por outro sistema, com a possível manutenção de elementos do primeiro inseridos na nova ordem de significação. O emprego desses conceitos permite discernir se a trajetória da adesão religiosa acaba deixando a pessoa no mesmo lugar ou conduzindo-a para outro. Sugere-se que a transformação da identidade se realiza em sentido próprio apenas no simbólico. Se se realizar no imaginário, haverá apenas a expansão da mesma identidade por meio de novas imagens da mesma fé. (Paiva, 2004, p. 20)

Assim, é importante explicar que, quando se fala de conversão, se fala sobre esta mudança mais profunda, que se dá no nível imaginário e simbólico. Neste nível, os significados são assumidos pela pessoa de forma profunda. Isto vai envolver tanto a imaginação como o símbolo de forma equilibrada. É necessário que se estabeleça que a conversão não é um processo definitivo, ele pode ocorrer várias vezes, e por isso, a conversão em si pode fazer com que ocorra uma mudança profunda na vida do indivíduo, mas esta pode ou não ser permanente, pois é impossível estabelecer algo como permanente em relação a um ser mutável como é o homem.

A conversão verdadeira pode ser comparada a um processo de formação de uma nova identidade. Existem alguns fatores que podem contribuir para esta formação. Dentro da Escola de Bristol, de acordo com a teoria de H. Tajfel, o conceito de identidade social ocorre a partir das relações grupais. A identidade social é entendida como sendo um autoconceito de um indivíduo que deriva do seu conhecimento, do seu pertencimento a um ou mais grupos sociais, juntamente com o significado emocional e de valor associado àquele pertencimento. (Oliveira, 2009)

A identidade está relacionada a fatores circunstanciais que envolvem o contexto e a forma como os membros de um grupo se auto definem. Esta auto definição normalmente resulta de uma comparação com outro grupo, assim a identidade psicossocial é resultado da tomada de consciência de se pertencer a um grupo e não a outro. (Oliveira, 2009) A tomada de consciência é um processo cognitivo e emocional.

Já a categorização é um processo organizador e simplificador da realidade social, diferenciando e estabelecendo valores entre categorias sociais, provocando assim a segmentação, a classificação do ambiente social. Desta forma a categorização serve como um sistema orientador que ajuda a criar e a definir o lugar do indivíduo na sociedade. (Oliveira, 2009)

A categorização social produz no indivíduo uma identificação com o grupo a partir de um processo auto avaliativo de comparação social. Esta comparação produziria uma influência sobre a autoestima do indivíduo, devido à relação com o grupo que pertence e com o grupo que não pertence, nesta questão surgira às ações discriminatórias. (Oliveira, 2009)

A identidade é algo que vai sendo criado paulatinamente. Ela surge a partir do processo de identificação onde a pessoa se constrói no convívio com os outros. Desta forma, a identidade surgiria da convivência com outras identidades, com as quais os indivíduos convivem simultaneamente. Além do indivíduo, existe também o contexto, o qual é formatado para contribuir com a significação do grupo social, nesta esfera se observa as tradições, que inclui a religiosa, que irão fornecer os significados, que rompidos podem implicar na ruptura com o grupo social que pertencia. (Oliveira, 2009)

A ruptura com o grupo social a que pertencia resultará na introdução ou na reintrodução em outro grupo, pois o homem é um ser que estabelece sua identidade social em relação ao outro.

JC Turner, também fornecerá elementos interessantes através de sua teoria da prototificação, onde a identidade irá surgir a partir de um modelo que foi construído pelo grupo para o próprio grupo, no qual se vê características distintas dos demais grupos e seus protótipos. (Turner, apud Paiva, 2004)

## **A relação entre psicologia individual e psicologia social**

Existe uma relação muito estreita entre psicologia individual e a social, pois, todo o desenvolvimento do homem se dá dentro de um contexto social. Freud observou esta relação em seu livro *Psicologia do grupo e análise do ego*, no qual argumentou que o indivíduo é um ser que se forma na relação com outros seres humanos, assim, a psicologia individual e a social se encontram no indivíduo, pois uma desenvolve a outra simultaneamente. (Freud, 1995, p. 91)

Freud falando mais especificamente a respeito do uso de substâncias psicoativas, diz que esta tem um sentido, pois é uma fonte imediata de prazer e também um meio de independência do mundo externo, auxiliando as pessoas alcançar o amortecimento das preocupações, afastando-se das pressões da realidade e encontrando um refugio em um mundo próprio. (Freud. *Mal estar na civilização*, 1978b, p. 27)

Como o uso abusivo de substâncias psicoativas está relacionado à pressão social, pode-se deduzir que quanto maior for esta pressão, maior será a incidência do uso abusivo de substâncias psicoativas. A identidade se dá em torno de seus símbolos, e a substâncias psicoativas então passa a ocupar esta posição de significado. A dependência física está relacionada com a dependência psíquica e isto está associado ao significado e a identidade.

O usuário de drogas podem se valer da droga para seu deleite e em momento de angustia, mas esta nunca se transforma na razão maior de sua existência. Os toxicômanos, porém, são compelidos à sua ingestão por forças físicas e psíquicas poderosas. As drogas passam a representar para esse grupo valor soberano na regulação de sua existência. (Birman, 2001, p 223)

Além disto, outros dois fatores devem ser levados em consideração quando se pensa a identidade do dependente químico que, como se observa, é estabelecida em relação ao uso de substâncias psicoativas. O primeiro é o fetiche que a substância psicoativa exerce sobre o indivíduo, com este termo significando os valores que se relacionam com a fantasia (simbolismo) que se tem em relação a um objeto, no caso a substância psicoativa, projetando

nele uma relação social definida, estabelecida entre os homens, no caso a dependência química.

Assim, esta relação social, é evidenciada, estigmatizada e perpetuada pelo título dependente químico e sua variação ex-dependente químico, o que de fato irá influenciar a cura, a medida que a dependência está associada a uma questão de símbolos e identidade.

Outro fator a considerado é o fator reacionário que está presente na mídia e que por convenção está associado ao uso de algumas substâncias psicoativas lícitas, e em sua forma mais discriminatória está associado ao uso de substâncias químicas ilícitas, onde o preconceito acaba tachando e expulsando o usuário para um submundo criado a partir dos padrões ditos normais da sociedade. O que começa com uma ideia emancipatória, de poder e destaque nas propagandas vinculadas nas mídias termina, em muitas ocasiões, no contexto de exclusão social e discriminação, pois, o que é proposto através destas propagandas é um apelo à independência da dependência da realidade vivida.

## **A experiência religiosa e sua relação sócio-cultural**

Toda experiência significativa está condicionada histórica e sociologicamente. As experiências com o uso abusivo de substâncias psicoativas e a experiências religiosas estão dentro deste contexto, desta forma observa-se a ampliação em muito do escopo das variantes para a sua compreensão.

Falando sobre a experiência religiosa, observa Valle:

As categorias da experiência religiosa são histórico-sociológicas e como tais devem ser concebidas e tratadas. Elas guardam e transmitem adiante algo anteriormente vivenciado por alguém, pessoa ou grupo. É só por meio da vivência personalizada dessa experiência arquetípica que o transcendente e o inefável, típicos das religiões, podem adquirir vitalidade nos adeptos de cada religião. (Valle, 1998, p 41)

Em decorrência deste condicionamento histórico e sociológico, é necessário fazer uma distinção entre religião, experiência religiosa e a religiosidade. A experiência religiosa e a religiosidade são de caráter individual, enquanto que a religião tem um caráter mais universal, elas se diferem e se complementam em suas funções psicológicas e socioculturais. A religião é a forma institucionalizada e a religiosidade a forma individualizada, a experiência religiosa. A religião é a resultante de um processo de sedimentação que ocorreu sobre a pressão de fatores históricos e sociais, sendo que o dogma que a caracteriza é uma resposta a estes fatores.

As forças atuantes na experiência religiosa são de dimensão inconsciente, que fazem parte da história de vida do indivíduo e de conteúdo próprios da espécie humana, as quais não podem ser estudadas e conhecidas diretamente, mas podem ser entendidas complementarmente, a partir da compreensão de que:

[...]o sentido vivido de um comportamento estende-se mais para lá de sua representação na consciência". Pois, "estar consciente e estar inconsciente são dois modos complementares da estrutura antológica de todo ser humano. (Valle, 1998, p 41,42)

A complementaridade entre experiência religiosa e religião pode decorrer da origem da religião, pois esta é uma forma sedimentada das experiências imediatas de outras pessoas. Através da religião é estabelecido um controle sobre a experiência religiosa. Aquela através de seus dogmas limita as manifestações associadas a esta, promovendo, desta forma uma proteção para que o homem não tenha a experiência imediata com o inconsciente, o que pode expô-lo a forças incontroláveis. Este controle da religião em relação à experiência imediata está relacionado ao seu aspecto simbólico. (Jung, 1999)

Este controle pode ser observado na posição adotada pelas Igrejas Pentecostais, que em seus primórdios, para promover a "liberdade" de atuação do Espírito Santo, não adotam nenhuma confissão de fé, por crerem que qualquer confissão limitaria a ação livre do Espírito Santo. As experiências imediatas eram mais

constantes e mais intensas, à medida que o Movimento Pentecostal amadureceu, dogmas foram estabelecidos naturalmente e estas manifestações foram se arrefecendo e se tornando menos comuns e menos intensas. (Synan, Vinson. 2009)

A religião e a religiosidade estão associadas a duas esferas do ser humano, a social objetiva e a interior subjetiva. A definição de religião sempre vai orbitar dentro destas duas esferas. No entanto, a religião, em suas expressões, é algo que afeta o homem de forma a se integrar, tanto na sua inteligência, como em seu sentimento; tanto na sua vida interior, como em sua vida social. (Valle, 1998)

No campo da Psicologia Social, observa-se, também, a questão da mística e da experiência religiosa. Embora a experiência religiosa tenha o seu aspecto místico, é importante entender que a experiência mística se difere da experiência religiosa. A experiência mística é um fenômeno que ultrapassa os limites da própria religião. Podendo ser observada em relação a outras experiências: do tipo estético, amoroso, afetivo-sexual, político, ideológico, cognitivo, musical, esportivo, etc. Quando relacionado à experiência religiosa, a experiência mística esteve durante algum tempo associada à magia, vivendo numa esfera mais marginal da religião. Porém, esta experiência tem crescido muito, em particular no contexto brasileiro. (Valle, 1998)

Dentro da experiência mística deve ser considerado o ponto de vista experiencial, e neste pode-se observar alguns núcleos: O primeiro é o da experiência responsiva, que é uma resposta de aceitação e compreensão empática. O segundo é o da experiência de confirmação, que é o súbito sentimento, conhecimento ou intuição da veracidade das crenças que a pessoa tem. O terceiro é a da experiência do êxtase que é uma elevação física e psicológica de proporções fora do normal, que guarda semelhança com o orgasmo, um ter os sentidos tomados por uma “pegada” do poder divino. O quarto é a experiência de revelação é na que a divindade não só assume a pessoa em seu coração, como a torna confidente direta de

seus pensamentos e afetos, revelando-lhes seus desígnios e seu amor. Nas experiências religiosas podem ocorrer e se caracterizar por um ou mais tipos destas experiências. (Valle, 1998)

Toda psicologia social também é psicologia individual, por isso dentro do estudo das relações de identidade estabelecida em relação ao grupo seja religioso, é necessário definir o seu papel quanto ao indivíduo e a própria sociedade. A religião pode assumir um caráter diabólico e um caráter privativo (simbólico) em relação à pessoa e à sociedade. E a sociedade pode ver a experiência religiosa como algo terapêutico ou patológico para o ser humano.

## CAPITULO 3:

### ASPECTOS PATOLÓGICOS DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

Atualmente, se observa dentro do cenário mundial a proliferação de experiências místicas tanto dentro do contexto religioso como também do secular. Estas experiências são classificadas dentro de alguns ramos da Psicologia e Psiquiatria como anômalas e como de estado alterado de consciência.

Estas classificações da experiência religiosa remontam às disposições vistas no século XVIII e XIX, onde os contatos com outros povos não europeus, e outras religiões, provocaram duas consequências: o surgimento de uma religião naturalista e o preconceito em relação às religiões não cristãs, que na época eram tratadas como meras superstições.

*“Esses pretensos religiosos são, na realidade, uma espécie de ateus supersticiosos que não reconhecem ser algum que corresponda a nossa idéia de divindade” (Hume, 2005, p. 44)*

[...] e é natural que a superstição deva predominar em todo lugar nas épocas selvagens e colocar os homens, diante da mais séria investigação sobre os poderes invisíveis que dispõem de sua felicidade ou de sua miséria. (Hume, 2005, p. 37)

Outro fator que contribuiu para tais classificações foi o pensamento filosófico Positivista, que teve sua origem com Augusto Comte (1798 – 1855), e atingiu seu auge no final do século XIX. O positivismo colocava a religião como algo transitório, algo relacionado à infância da humanidade, e que com o desenvolvimento científico iria desaparecer. Este pensamento foi o orientador das ciências, dentre elas a Psiquiatria, a Psicologia e a Filosofia, visto nas posições de homens como Marx, Nietzsche e Freud.

Além disto, os fatores históricos negativos, relacionados ao Cristianismo, contribuíram para a ampliação desta visão negativa da religião, caracterizando-a como destrutiva, castradora, limitadora do desenvolvimento da raça humana.

A religião esteve associada às ações extremamente violentas. Este fato está na base do pensamento desenvolvido pelos críticos da religião. Como se pode observar em Voltaire (2006) e Marx (Rovigli, 1999). A religião esteve associada ao sistema de governo Absolutista, sendo utilizada em muitas situações para a manutenção e defesa deste tipo de poder. Assim a luta contra o absolutismo se torna luta contra a religião (SCHÜTZ, 2001).

Porém, atribuir à violência como algo inerente a religião é algo questionável, visto que a violência ocorre em círculos não religiosos e está presente inclusive em algumas práticas esportivas. A base da violência está na agressividade. Esta é um fenômeno pré-cultural, averiguada no mundo animal, a cultura se desenvolve com a finalidade de dominar este aspecto chamado agressividade. No aspecto social, a cultura irá desenvolver o conceito de violência que estará associado ao ser humano, ele é, em si, um ser violento. (Girard, Rene apud Farias, et all, 2002)

Dentro da mesma história, pode-se observar que a religião que esteve na base de muitos atos violentos, também inspirou muitas pessoas a atitudes nobres e humanitárias.

## **A religião e suas potencialidades**

A religião tem as suas potencialidades, de forma que em sua dimensão espiritual/existencial, não deve levar o homem à alienação da realidade. A religiosidade não pode servir aos interesses que, muitas vezes, estão por trás das religiões institucionalizadas, de domínio.

[...] a religião por si mesma não é necessariamente conservadora ou progressista, alienante ou

conscientizadora, mas ela possui por si mesma, essas duas potencialidades (Paiva, 2004, p. 78)

Estas potencialidades da religião se derivam do fato dela ser algo natural e importante para o ser humano, porque ela lhe confere sentido para a vida. Sarriera apresenta esta posição que contraria a da Psicologia e da Psiquiatria tradicional, afirmando que a motivação central do homem para a sua existência, não são os impulsos sexuais e nem o desejo de poder, e sim, o encontrar o sentido da vida. O homem, para ser saudável precisa ser considerado, tanto em suas dimensões biopsicossocial, como na dimensão espiritual/existencial. (Paiva, 2004)

De uma forma geral, tem se observado que o homem é um ser religioso, e por isso este tema está presente, tanto na sociedade, como no meio acadêmico. Na sociedade, este tema tem sido contemplado através da busca pela espiritualidade, através da religiosidade tradicional, de religiosidades provenientes de outras culturas e de uma religiosidade fruto de uma mistura de vários elementos, inclusive o uso de substâncias psicoativas.

Dentro da academia, é observado inúmeros trabalhos, onde nota-se uma mudança de tendência na Psiquiatria, que até a década de 80 tinha, predominantemente, a posição de relacionar a religiosidade e a experiência religiosa a quadros patológicos.

Na Psicologia, este tema tem se desenvolvido através da discussão de linhas divergentes quanto à eficácia da espiritualidade na sua relação com a ocorrência e cura de doenças.

Nos dias de hoje, notam, são predominantes dois pontos de vista: o de A. Bergin, favorável à influência benéfica da religião sobre o psiquismo, e o de A. Ellis, desfavorável. Os estudos empíricos, baseados em testes de personalidade e aplicados a casos particulares contra o fundo de uma distribuição estatisticamente “normal” da população, tendem a ser desfavoráveis à religião, enquanto as pessoas religiosas apresentam comportamentos ou traços entendidos como patológicos. (Paiva, 2004, p. 133)

Não se pode negar que a religiosidade e a experiência religiosa produzem no homem efeitos profundos, e que estes, assim como os

efeitos de outras experiências, podem gerar patologias, no entanto, não se deve confundir a religiosidade com a própria patologia. A religiosidade propicia à ciência a oportunidade de se entender os mecanismos da mente e de alguma forma conhecer detalhes das patologias mentais, visto que ela produz alterações no funcionamento do cérebro semelhante aos patológicos, porém de intensidades diferentes e reversíveis.

[...] encontrou que ambas pertencem a um único e mesmo *continuum*, sendo as diferenças entre elas mais de caráter quantitativo que qualitativo. Nesta concepção podem-se detectar conteúdos, manifestações e mecanismos mentais similares entre os dois extremos. Mas, assinala, uma diferença fundamental é que no pólo da patologia mental o sujeito *não* encontra a possibilidade de excursionar por estados regressivos transitórios e a serviço do ego, seja no campo cognitivo, seja no emocional. Deste modo, fica evidenciado que a religião contém fontes potenciais para o desenvolvimento de patologia e que, sob certas circunstâncias – p.e., crises sociais graves – há maior chance de que surjam estados mentais desviantes. (Souza et al, 2004, p. 58)

Os exames de imagem têm contribuído em muito para a compreensão de certos fenômenos ligados ao cérebro, porém, é necessário ter certo cuidado ao se relacionar religião e patologia a partir deste recurso, porque os resultados destes exames não são conclusivos nestes aspectos.

*Quanto a questão a origem do delírio religioso, as neuroimagens tem atribuído como a origem nos esquizofrênico a maior atividade do hemisfério direito do cérebro enquanto que nos delírios religiosos de pessoas místicas é verificado uma maior atividade do hemisfério esquerdo e do lobo occipital esquerdo. (Koenig, 2007, p. 104)*

Outra linha na Psicologia tem trabalhado com a hipótese de que a religião é um elemento protetivo para várias doenças, dentre elas a dependência química. O que pode ser observado no estudo de Gartner ( apud Paiva, 1991, p. 133)

Ao se tratar da religião e da sua relação com patologias, precisa-se recordar que o conceito de doença e enfermidade é um conceito construído culturalmente, bem como os temas relacionados à ideia de normalidade.

Para se julgar um comportamento religioso estranho, é necessário ter um pressuposto para este raciocínio, um embasamento hermenêutico, o qual é encontrado dentro da cultura que tem como base os princípios cristãos tradicionais.

Desse modo a Psicologia da Religião está inserida em duplo sentido num nexó histórico de compreensão que remete a tradição cristã. Se a religiosidade é designada como uma forma de comportamento tipicamente humano, tanto na esfera cristã quanto na extra cristã (o ser humano como homo religiosus), então os critérios aduzidos para tal são forçosamente tirados da tradição de pensamento ocidental. (Fraas, 2007 p. 10)

Esta consideração a respeito do contexto em que os fenômenos religiosos ditos anormais se desenvolvem é muito importante, visto que este irá contribuir para o desenvolvimento da personalidade das pessoas. Desta forma, as considerações referentes à normalidade precisam ser entendidas dentro do contexto, pois, dependendo da cultura, da subcultura e da época, o que é para alguns anormal é perfeitamente normal e aceitável para outros.

*Em vista dessas experiências me perguntei se minha interpretação da religiosidade também se aplica a essas formas ou fica relacionado de maneira demasiado restrita ao meu próprio mundo de experiências. (Fraas, 2007, p.7)*

A ideia de experiências anormais, as quais se dão no contexto do costume e da fé, implicam, muitas vezes, em um juízo de valor de alguém que não faz parte do grupo considerado, ou de uma pessoa que tenha uma personalidade diferente, que não lhe permite se identificar com a experiência observada. O que afeta aparentemente o envolvimento social da pessoa com determinados grupos, favorece a sua aceitação em outros, pois estes comportamentos ditos anormais são até mesmo, neste outro contexto, desejados.

No entanto, é preciso compreender que existe uma relação entre a experiência religiosa e as patologias, e que ela está relacionada ao universo que é observado para se tirar as conclusões e a relação da motivação da pessoa que tem determinada patologia com a religião. Para isto é importante observar o posicionamento existente no meio científico a respeito desta relação.

## **A experiência religiosa e sua relação com a psicose.**

No século XIX e até meados do século XX, dentro da medicina, da Psiquiatria e da Psicologia, a posição predominante pode ser representada por Sigmund Freud, que irá reduzir a religião, em todos os seus aspectos, a um quadro patológico. Isto está refletido nos trabalhos de muitos psiquiatras, como o do Dr. Antônio Carlos Pacheco e Silva (1898-1998) (1950 apud Almeida, 2004). No qual o Dr. Pacheco e Silva afirma: “O misticismo e a loucura se acham por tal modo fundidos, que não se pode destacar um do outro.” (Almeida, 2004, p. 2)

Esta disposição também é observada com um novo enfoque, onde a experiência religiosa é identificada com outras patologias. O Dr. Alexander Moreira de Almeida apresenta vários diagnósticos dados por vários autores.

Freud considerou as experiências dos místicos como manifestação do desamparo infantil e regressão ao narcisismo primário. Outros autores as descrevem como psicose borderline (GAP,1976), episódio psicótico (Horton,1974), disfunção do lobo temporal (Munro,1992, Persinger,1992), quadros histéricos (Jung,1994) ou como um perigo para o indivíduo e a comunidade (Greenberg et al., 1992). Esse enfoque se refletiu na postura da comunidade [...] (Almeida, 2004, p. 1)

Esta animosidade entre a Psiquiatria e a religião está presente inclusive no mito do surgimento da Psiquiatria. Segundo este mito, a Psiquiatria surgiu da luta contra o obscurantismo religioso que dominou a idade média, onde se associavam as doenças mentais como decorrentes de possessões demoníacas e bruxarias. (Almeida, 2004)

O interessante é que esta mesma Psiquiatria, que tem a sua suposta origem na luta contra o obscurantismo religioso, que atribuía as doenças como resultado de questões religiosas, agora, ela mesma, atribui às experiências religiosas o conceito de patologia.

Existe, porém, outro posicionamento que surge dentro da Psiquiatria e da Psicologia e que classifica a experiência religiosa de caráter místico como algo benéfico para a saúde mental. Almeida,

citando Lukoff (1992 apud Almeida 2004), diz que “pessoas que vivenciam experiências místicas pontuam menos em escala psicopatológica e mais em medidas de bem-estar psicológico de controle”, mostrando que pesquisas realizadas têm apontado que nas experiências dissociativas entre religiosos (espíritas) não se encontrou aumento no nível patológico quando comparado com a população em geral. (Almeida, 2004, p.4)

Falta ao posicionamento tradicional da Psiquiatria, que considera a experiência religiosa como patológica, um estudo científico, que vá além das experiências observadas em seus consultórios, pois as conclusões tiradas a partir destes dados podem refletir somente os pressupostos pessoais. Foi o que aconteceu com Freud e Jung, ambos tiveram como base de suas pesquisas suas experiências em consultórios, contudo, estas experiências os levaram a posições bem diferentes, em um, o reconhecimento do quadro patológico relacionado à religião, no outro, o reconhecimento de que na religião existem conteúdos importantes para a compreensão de partes inconscientes da psique.

Uma contribuição muito importante para se entender qual é a relação entre psicose e religião são os dados estatísticos. Na América do Norte e do Sul, índices superiores a 90% da população são apresentados de pessoas que têm práticas e que proferem uma confissão religiosa. Desta forma é natural que os quadros psicóticos observados nos consultórios e hospitais apresentem elementos religiosos proporcionais ao universo da população. (Koenig, 2007)

Também é importante observarmos os índices de pacientes de esquizofrenia com delírios religiosos. Em pesquisa apresentada por Koenig (2007), o índice no Japão foi de 7% a 11%, contra 21% a 24% na Europa, 21% a 23% nos Estados Unidos. No Brasil pouco se tem estudo do sobre a relação entre esquizofrenia e delírios religiosos.

Mesmo na condição onde a psicose subsiste com a religiosidade, não se pode afirmar que uma tenha dado origem à

outra. Talvez, o que se possa avaliar por comparações, são os efeitos positivos e negativos que as experiências religiosas produzem nas pessoas, comparando-a com o tipo de pensamento que invade as pessoas que não apresentam esta experiência, pois, os pensamentos religiosos, muitas vezes, são assumidos por pessoas em condição de enfermidade e através deles, elas procuram encontrar forças para conseguir superar o momento em que vivem. Assim, é possível que a experiência religiosa possa servir de tratamento terapêutico, ao invés, de ser a causa, ou o agravante de um quadro de psicose ou de outras doenças.

Quanto à incidência de delírios religiosos, verificou-se que, de forma geral, são mais intensos nos esquizofrênicos do que nos religiosos não esquizofrênicos, variando de intensidade neste grupo. Também foi observado a conversão em esquizofrênicos, após a constatação de seu problema, apontando assim para uma possível busca da religião, na tentativa de trabalhar com o estresse gerado pelos sintomas da doença. (Koenig, 2007)

Na tentativa de se distinguir uma pessoa normal de uma pessoa com problemas psicóticos, os psiquiatras têm desenvolvido uma série de regras que podem ajudar em algumas situações. Contudo, estas regras não são infalíveis, porque a proximidade entre uma verdadeira experiência religiosa, experimentada por alguém saudável, pode ser muito semelhante a que é observada em pessoas psicóticas, chegando a ser aceita culturalmente.

Há, então, consenso geral de que critérios específicos existem e podem ajudar a distinguir a pessoa mentalmente doente com psicose da pessoa religiosa e devota que tem experiências místicas. A pessoa religiosa tem insight na natureza extraordinária dos seus relatos, normalmente faz parte de um grupo de pessoas que compartilha as suas crenças e experiências (culturalmente apropriado), não tem outros sintomas de doença mental que afetem o processo de seus pensamentos, é capaz de manter um trabalho e evitar problemas legais, não causar danos a si mesma e, normalmente, tem resultado positivo com o passar do tempo. Porém, claro que há sempre a possibilidade de que uma pessoa mentalmente doente (até mesmo aquelas com doença psicótica) tenha crenças religiosas e experiências místicas que sejam culturalmente normativas e possam, de fato, ajudar a mais bem lidar com a sua doença mental. (Koenig, 2007)

Como foi dito acima, mesmo no caso de doenças psicóticas, é importante avaliar os efeitos das experiências religiosas sobre o paciente, isto porque, em muitas situações, a experiência religiosa é buscada pelo paciente para que este conseguir enfrentar a doença, fato comprovado por inúmeras entrevistas.

Vários estudos sugerem que crenças religiosas são usadas para lidar com o extremo estresse que a doença mental possa causar. Por exemplo, em um pequeno estudo de 28 pacientes com doença mental grave em moradores de Maryland, os pesquisadores verificaram que, entre estes, 47% deles indicaram que espiritualidade/religião tinha ajudado muito, 57% rezavam diariamente e 76% pensavam diariamente em Deus ou questões espirituais/religiosas (Lindgren e Coursey, 1995). Igualmente, entrevistas com 40 pacientes psiquiátricos em Springfield, Missouri, demonstraram que quase metade deles (48%) indicou que crenças religiosas foram muito importantes para ajudar a lidar com a doença mental (Sullivan, 1993). Um estudo muito maior com 406 pacientes de uma unidade de saúde mental, no condado de Los Angeles, relatou que mais de 80% dos pacientes disseram que usaram a religião para lidar com a saúde mental (Tepper et al., 2001). Na realidade, a maioria dos pacientes gastou quase a metade do tempo para lidar com sua doença em atividades religiosas. (Koenig, 2007)

A experiência religiosa também pode ser vista, de forma positiva, na evolução clínica de quadros psicóticos. Isto foi verificado no acompanhamento, por mais de 10 anos, de 128 pacientes (Schofield et al., 1954, apud Koenig, 2007) onde, após o controle da ansiedade e do estresse, o elemento que mais contribuiu para a não re-hospitalização foi o envolvimento religioso dos pacientes.

Desta forma, a conclusão sobre o tipo de experiência religiosa que uma pessoa tem, só pode ser definida com segurança, a partir de uma observação de longo prazo, levando em consideração os efeitos desta experiência sobre a vida da pessoa.

Se a experiência religiosa pode ser um fator de controle para doenças, como as psicoses e outros problemas mentais. Ela também pode ter efeitos sobre a vida de pessoa fora deste quadro, pois o homem é um ser em construção, dentro desta perspectiva do controle e recuperação, é importante se observar a visão psicodinâmica do desenvolvimento humano.

Primeiramente, deve-se considerar que o conceito de normalidade é um juízo de valor, que obedece aos padrões culturais e que ele também está associados a questão da idade, o comportamento que é normal em uma idade, pode ser completamente anormal em outra idade, estes comportamentos são comuns pois o desenvolvimento psicológico das pessoas não ocorre uniformemente. (Eizirik, 2001).

A normalidade está relacionada ao desenvolvimento do ser humano, por isso, é necessário considerá-la como o produto dentro de um processo contínuo que terá seu início no desenvolvimento do feto e se prolongará por toda a vida. Cada período da vida tem a sua importância, no período fetal ocorre a formação das conexões neurais e outras são suprimidas e desaparecem numa seleção que afetará o indivíduo por toda a sua vida. (Eizirik, 2001). Desta forma é importante para o ajuste da pessoa em formação que os pais tenham os devidos cuidados nesse período, evitando o uso de substâncias psicoativas, que influenciará a formação destas sinapses e procurando viver um relacionamento sadio para que o feto não sofra com o sofrimento da mãe.

Isto porque, não é somente os fatores genéticos e congênitos, que formam as interações neuronais que darão origem a individualidade dentro da raça humana. Os fatores do desenvolvimento somam-se as experiências do indivíduo, desde o seu nascimento até a sua morte. A interação destes fatores é que determina o que é chamado de equação etiológica das disfunções psíquicas. (Eizirik, 2001).

Assim, ao se pensar sobre estes fatores genéticos, congênitos e ambientais, pode-se evidenciar o que na Psicanálise é definido como Teoria do Funcionamento Mental, onde é postulado o determinismo psíquico ou princípio da causalidade e a existência do inconsciente.

*[...] todos os acontecimentos da vida mental são determinados, produzidos ou, ao menos, influenciados por eventos anteriores do desenvolvimento, tanto os que*

*ocorreram imediatamente antes quanto os que foram vividos no início do desenvolvimento (Eizirik, 2001, p. 20)*

Este determinismo psíquico, também é muito importante para que o indivíduo venha passar, de forma saudável, pelas várias fases do desenvolvimento de sua mente. Dentro do estudo da psicanálise, vários pesquisadores contribuíram para a compreensão este desenvolvimento. Melanie Klein (apud Eizirik, 2001) percebeu que os conflitos psíquicos estão presentes desde o início do desenvolvimento, onde o sadismo é um fator determinante no conflito mental. Neste desenvolvimento da criança passa por vários períodos, o esquizoparanóide, o depressivo. Dentro desta linha, Bion (apud Eizirik, 2001) desenvolve a sua teoria, onde a relação esquizoparanóide e depressiva faz parte da dinâmica da mente.

Esta dinâmica esta se desenvolvendo dentro de um contexto que abrange três fatores: O genótipo, o fenótipo e a organização social em que se está inserido. Estes três fatores serão determinantes para o desenvolvimento da pessoa. Dentro destes, os fatores de caráter sociais serão de importância preditiva e em sua maioria, estarão relacionados principalmente a família é a tradição familiar.

*Assim, são fatores preditivos de uma boa interação do bebê com seus pais e conseqüentemente de desenvolvimento saudável: a motivação altruística do casal parental para ter o bebê, a história pessoal de cada um, o amor que os une, sua maturidade, a tradição de suas famílias de origem, várias gerações anteriores de saúde, solidariedade, capacidade de suportar frustrações, postergar prazeres imediatos e capacidade construtiva. (Eizirik, 2001, p. 42)*

Outro autor, Erik H. Erikson (apud Eizirik, 2001) se destacou por ampliar a teoria psicanalista do desenvolvimento para fora dos laços da família nuclear, focalizando em um mundo mais amplo e nas relações que ocorrem neste mundo. Ele irá afirmar que o desenvolvimento humano se dará por toda a vida. Ele acredita que o Ego se desenvolve durante o ciclo vital, e que o Ego é o meio pelo qual a pessoa organiza as informações externas, testa percepções, seleciona memórias, realiza ações adaptativas, integra a capacidade de orientação e planejamento e que, em todos os estágios do

desenvolvimento do Ego, existirá aspectos positivos e negativos. (Eizirik, 2001)

O desenvolvimento da pessoa produzirá nela conteúdos internos que nortearão sua vida. Existem ideias divergentes sobre a formação destes conteúdos, como a de Winnicott (apud Eizirik, 2001), que diz:

Aquelas que Jamais se desapontam enquanto bebês e, na mesma medida, são candidatas a viver alegremente e a aproveitar a vida. E aquelas que sofreram experiências traumáticas, provenientes de decepções com o ambiente, e que necessitam carregar consigo perpetuamente as lembranças do estado em que se encontravam no momento do desastre. Estas são candidatas a levar a vida tempestuosa e tensa e talvez candidatas a doenças. (winnicott, 1996, apud Eizirik, 2001, p. 45)

Outra posição é a da Dr. Boris Cyrulnik, que ao falar do conceito de resiliência, mostra que a capacidade da pessoa ser feliz na vida não decorre de uma vida sem traumas, mas do suporte psicológico que ela recebeu antes e ou durante estas situações, isto gerará tutores psicológicos que nortearão a forma como esta pessoa reage às situações traumáticas futuras. (Cyrulnik, 2004)

A importância familiar e dos meios sociais são evidenciados em todos os períodos do desenvolvimento humano. São eles que podem no ajudar a forma os mecanismos para suportarmos os problemas da vida, sem recorrer aos meios de fuga como o uso de substâncias psicoativas. A experiência religiosa, aqui cumpre a sua função, desde que desenvolvida de forma sadia. Ela contribuirá para a formação de um convívio social e através do discurso e dos relacionamentos religiosos, pode contribuir para a formação deste conteúdo, que se evidenciará na resiliência.

### **O uso abusivo de substâncias psicoativas entre os psicóticos**

Dentro desta dinâmica de formação, os relacionamentos irão ocorrer. Eles deverão atender a necessidade do ser humano, que buscará relacionamento independente de suas condições emocionais e mentais. Neste sentido pode-se pensar o uso substâncias

psicoativas como um meio de estabelecer relacionamento que envolverá pessoas psicóticas e neuróticas.

Dentro do grupo chamado psicóticos este uso tem crescido muito. Por isso, há uma restrição a ser observada nas comunidades terapêuticas, elas não podem abrigar, em suas instalações, pessoas que tenham algum tipo de co-morbidade, que são quadros classificados como alguma psicose, o que aponta para o fato de que existe um uso abusivo de substâncias psicoativas ilícitas dentro deste grupo.

Os psicóticos são vítimas de muitos preconceitos e na modernidade sofrem a segregação. Segundo Foucault, o que se chama hoje de psicose foi chamado no passado de loucura, e este conceito de psicose ou loucura estava naqueles dias, relacionado aos padrões morais e éticos.

Apesar do prazer reconfortante que podem ter os historiadores da medicina ao reconhecer no grande livro do internamento o rosto familiar, e para eles eterno, das psicoses alucinatórias, das deficiências intelectuais e das evoluções orgânicas ou dos estados paranóicos, não é possível dividir sobre uma superfície nosográfica coerente as fórmulas em nome das quais os insanos foram presos. De fato, as fórmulas de internamento não pressagiam nossas doenças; elas designam uma experiência da loucura que nossas análises patológicas podem atravessar sem nunca levá-la em conta na sua totalidade. Ao acaso, eis alguns internados por "desordem do espírito", a respeito dos quais se podem encontrar menções nos registros: "demandante obstinado", "homem mais processado", "homem muito mau e chicaneiro", "homem que passa os dias e as noites a atordoar os outros com suas canções e a proferir as blasfêmias mais horríveis", "pregador de cartazes", "grande mentiroso", "espírito inquieto, triste e ríspido". Inútil perguntar se se trata de doentes, e até que ponto. Deixemos ao psiquiatra o trabalho de reconhecer que o "ríspido" é um paranóico ou de diagnosticar uma bela neurose obsessiva nesse "espírito desordenado que elabora uma devoção a seu gosto". O que é designado nessas fórmulas não são doenças, mas formas de loucura que seriam percebidas como o extremo de *defeitos*. Como se, no internamento, a sensibilidade à loucura não fosse autônoma, mas ligada a uma certa ordem moral onde ela só aparece a título de perturbação. Lendo-se todas essas menções que, nos registros, são colocadas diante do nome dos insanos, tem-se a impressão de que se está ainda no mundo de Brant ou de Erasmo, um mundo onde a loucura conduz toda uma ronda dos defeitos, a dança insana das vidas imorais. (Foucault, 1978, p.151)

A questão da moral e da ética está associada aos nomes loucos e psicóticos. A moral e a ética são valores simbólicos, que geram identidades e atribuem significados, que são os padrões que estabelecem a normalidade. Desta forma, é interessante pensar que pessoas que, por definição, não conseguem se localizar dentro dos padrões da normalidade, que são padrões da moral e ética, passem à utilizar substâncias associadas à transgressão destes mesmos valores.

Dentro do quadro que se estabelece, é necessário pensar na significação que o uso de substâncias psicoativas tem para os psicóticos, para “os loucos”. Existe uma diferenciação do uso da substância psicoativa pelo psicótico em relação ao neurótico.

A hipótese levantada aqui é de que o uso da droga não pode ser pensado da mesma forma no campo da psicose e da neurose. Enquanto, na neurose, a toxicomania é relacionada ao uso desregulado, sem limites e sem significação da substância tóxica, na psicose o uso da droga parece ter um caráter bem delimitado, relacionado a uma função bem específica. (Lisita e Rosa, 2011, p. 267)

Esta especificidade de uso pode ser observada a partir de Lacan (apud Lisita e Rosa, 2011). Este autor define o uso de substância psicoativa como sendo a única forma de rompimento da união entre o corpo e o gozo fálico. Além disto, ela também significa a ruptura com “as particularidades da fantasia e da castração, e aponta o surgimento de um “gozo uno”, que, diferente do gozo sexual, não é fragmentado.” (Lisita e Rosa, 2011, p. 267)

Esta ideia de rompimento da união entre o corpo e o gozo fálico, também é utilizado por Lacan (apud Lisita e Rosa, 2011), em sua definição de Psicose, onde ele acrescenta não haver necessidade de foraclusão do Nome-do-Pai. (Lisita e Rosa, 2011)

Desta forma, na psicose, o termo toxicômano não tem sentido, visto que segundo as definições, os efeitos do uso abusivo de substâncias psicoativas não seriam o mesmo que produziria em um neurótico, porque, estes efeitos já fazem parte da estrutura psicótica. No entanto, o uso da substância psicoativa promove uma identidade em relação ao outro, não como de auto erotização e por

isso egoística, como ocorre no neurótico. Na psicose, o uso abusivo de substâncias psicoativas fornece um significado de pertencimento. No uso de substâncias psicoativas, o psicótico tenta restituir certo lugar ao Outro, na sua realidade. Ele busca um relacionamento com o outro através do uso destas substâncias, participando de um meio social, com os outros usuários e traficantes. Isto vai refletir a sua atitude em relação aos familiares, visto que em meio aos psicóticos eles ao entrarem em mania não cometem o que é comum ao neurótico, o roubo de bens de outros e da própria família. (Lisita e Rosa, 2011)

Este efeito diferenciado entre o psicótico e o neurótico pode resultar do efeito de gozo produzido pelas substâncias psicoativas nos dois grupos. No psicótico, o uso delas pode ser um moderador deste gozo que já é produzido pela estrutura psicótica, e desta forma possibilitar o relacionamento com o outro. Desta forma o uso abusivo de substâncias psicoativas pode significar o vazio de significação que acomete o sujeito, podendo também ter o significado de suplementação para evitar os sintomas da psicose. (Lisita e Rosa, 2011)

## **A relação entre Psicose e Neurose**

Ao se pensar a respeito destas duas patologias deve se considerar a relação delas com a realidade. A psicose implica no rompimento com a realidade, enquanto a neurose é uma forma de reagir e de vivenciar a realidade, o neurótico é consciente.

A origem destas duas patologias também é muito incerta, contudo é do consenso atribuir à psicose um fator genético, que pode ser despertado em decorrência de fatores externos. Enquanto que a neurose resulta basicamente de experiências traumatizantes, que em decorrência da sua não assimilação pelo indivíduo, irá afetar a sua parte emocional, fazendo com que ele reaja às situações da vida de uma forma desproporcional e compulsiva.

Assim, em certo sentido, a psicose e a neurose são situações opostas entre si no que diz respeito a consciência. No entanto, hoje é reconhecido, que em certas condições, uma neurose pode evoluir para uma psicose. É o que ocorre com o uso abusivo de substâncias psicoativas entre pessoas neuróticas. Este uso poderá produzir crises psicóticas, que poderá gerar um quadro psicótico permanente. Não se pode afirmar se este quadro, decorrente de uso abusivo a substância psicoativa, tem outras determinantes como os fatores genéticos, mas é observado que existe um grande número de pessoas comprometidas, mentalmente, dentre os usuários compulsivos destas substâncias.

### **A experiência religiosa e sua relação com a neurose.**

A neurose é uma forma de a pessoa ser e reagir na vida. As pessoas neuróticas têm consciência de seu problema e muitas vezes se sentem impotentes diante dele. O que caracteriza o seu problema é a desproporcionalidade de suas reações diante das dificuldades da vida. Ela surge das incompatibilidades de certos impulsos do inconsciente com a realidade. A religião tem sido relacionada a neurose já por definição. Freud (1974) irá reconhecê-la como uma neurose obsessiva infantil.

Para Freud (1974) a origem da neurose esta no conflito do Ego com uma experiência, uma ideia ou um sentimento, que provocou um afeto aflitivo, o qual o indivíduo deseja esquecer. Nesta condição, passa a ser complicada a mediação entre a ideia aflitiva e o Ego. No mecanismo de desenvolvimento da neurose, Freud (1995) apresenta que nela se desenvolve uma incompatibilidade entre o afeto e a ideia, que originariamente esteve associado a ele. O afeto permanece na esfera psíquica enquanto a ideia passa para a inconsciência. Este afeto, então, tenderá a se associar a outras ideias, que não divergem dele.

Mas seu afeto, tornado livre, liga-se a outras ideias que não lhe sejam incompatíveis; e, graças a essa 'falsa

conexão', tais ideias desenvolvem-se como obsessivas. Essa é, em poucas palavras, a teoria psicológica das obsessões e fobias... (Freud, 1995, p. 64)

Assim, quando se pensa em neurose, esta se pesando basicamente em afetos desassociados das ideias das quais eles se originaram. A neurose não é o trauma, mas ela se origina deste. O trauma se origina de uma dupla agressão, a física e/ ou emocional e depois, a psicológica. Uma pessoa com uma psique saudável poderá suportar e trabalhar o trauma, de tal forma a retirar dele energia para a vida.

A neurose surge de uma psique não saudável, com a qual a pessoa não consegue ou não quer trabalhar o trauma, dispondo-se a esquecê-lo. Porém, este processo de esquecimento não é eficaz, nele, o afeto se desassocia da ideia, que está relacionada à racionalidade. As pessoas não resilientes, que não desenvolveram a capacidade de lidar com as frustrações, estão mais sujeita a desenvolver uma neurose, fazendo com que, apesar de muitas vezes, a ideia não ocupar mais a mente, o afeto, o sentimento ainda está no coração, gerando um sentimento que produzirá comportamentos estranhos na pessoa, inclusive fazendo com que ela busque no uso abusivo de substâncias psicoativas a solução para este afeto desvinculado da racionalidade ou a sua dificuldade de lidar com a própria realidade.

### **A significação da experiência religiosa e sua relação com a neurose.**

A significação da experiência religiosa na neurose pode estar relacionada ao fato dela atuar nos aspectos da imaginação e das emoções, conforme Feauerbach nos diz.

A onipotência para a qual o homem se volta na oração nada mais é que a onipotência da bondade que, para o bem do homem, transforma até o impossível em possível - na verdade nada mais é do que a onipotência do coração, do sentimento que rompe todos os limites da razão, transgride todas as fronteiras da natureza, que não quer que nada

exista a não ser o sentimento, que nada exista que possa contrariar o coração. (2007, p. 141)

A ação da experiência religiosa vai operar no nível da emoção, da imaginação e do sentimento, dando-lhes novos significados. Assim, a experiência religiosa irá conferir valores éticos e simbólicos, que comporão as diretrizes do pensamento. Neste sentido a religião e todos os conceitos que estão dentro do seu campo semântico: religiosidade, espiritualidade, experiência religiosa e outros, poderão assumir um caráter simbólico ou diabólico.

É necessário definir estes termos. Como simbólico, pretende-se afirmar aquilo que desfragmenta o indivíduo, enquanto que o que é diabólico, irá promover a sua dissociação. Estes efeitos afetarão tanto o indivíduo, como a sociedade. Dentro desta perspectiva, existem os pressupostos a respeito da religião, da qual Nietzsche (2009) é exemplo de quem tem uma visão negativa da transformação da moral promovida pela religião.

Nietzsche (2009), em seu livro *A Genealogia da Moral*, no seu primeiro tratado, apresenta a religião, em particular a cristã como uma modificadora da moral. Ele, através do estudo etimológico de palavras, associa o bom, o bem e a coragem ao nobre, que são os arianos, enquanto que o mau e fraco ao plebeu, que são os negros pré-arianos que habitavam a Europa, afirmando que este significado persistiu por muito tempo, até a transformação da moral pelos princípios judaico-cristãos. Segundo Nietzsche, o Cristianismo foi a criação da condição para que os valores do judaísmo tivessem aceitação mundial, os judeus que eram um povo párea, desprezado e escravo vence as demais culturas mundiais. Através do Cristianismo, a Judéia vence Roma na cultura. (Nietzsche, 2009)

Novamente, se percebe que as definições do que é certo e bom varia com os pressupostos, pois ele irá tecer elogios a virtudes como a vingança e se referirá a vícios como a misericórdia. Rene Girard irá dizer que tanto a vingança como a misericórdia são características assumidas em relação a violência. A vingança é a

externalização da violência, enquanto a misericórdia é a sua internalização, o sofrer a violência no lugar do outro. Dentro da perspectiva apresentada por estes autores, qual será mais prejudicial, a externalização da violência através da vingança ou a interiorização da violência através da misericórdia? Como será possível viver em uma sociedade baseada nos princípios de Nietzsche? Como o aspecto psicológico é construído na relação com o outro, fica evidente que, a internalização da violência através da misericórdia será a base do relacionamento entre seres imperfeitos e incompletos como é todo o homem.

É lógico que a crítica de Nietzsche não faz jus a toda religião, pois existem religiões que vivem segundo os padrões do próprio Nietzsche, fazendo da vingança uma doutrina e promovendo a partir disto, guerras santas.

A possibilidade de a religião assumir estes caracteres diabólico e simbólico, também pode ser observado dentro dos próprios limites da religião. Ferraz (2005) apresenta uma relação entre perversão e neurose obsessiva compulsiva, na qual, faz uma análise, criando um paralelo entre a religião Privada e a religião do Diabo. Seu objetivo é estabelecer uma distinção entre a neurose e a psicose, mas a sua digressão contribuirá para a diferenciação existente dentro deste duplo caráter possível de ser assumido pela religião. (Ferraz, 2005)

Dentro de seu comentário, ele estabelece em que sentido Freud chama a religião de neurose obsessiva compulsiva. Ele diz que esta comparação se dá devido a semelhança de comportamento entre elas, o cerimonial que se verifica tanto na prática do neurótico, como do religioso. Nelas se observa a obediência de leis gerais e particulares, proibições compulsivas e fortes escrúpulos de consciência (culpa). Os atos cometidos por ambos têm a sua origem no sentido simbólico, que expressa a sua experiência psíquica. Em ambos, as forças pulsionais recalcadas são vistas como uma tentação a ser evitada através de medidas de proteção. (Ferraz, 2005)

Ele estabelece que as religiões privadas e diabólicas se diferenciam em função do tipo de conhecimento que elas oferecem (no caso cristianismo e gnosticismo). Pois a partir deste conhecimento se desenvolverá um modelo religioso perverso ou neurótico obsessivo compulsivo. O obsessivo compulsivo está relacionado ao controle e a regra, enquanto que o perverso está relacionado a transgressão da regra e das leis. Isto porque tanto na gnose quanto na perversão, a pessoa se entende detentora de um conhecimento superior, na gnose a respeito de Deus e na perversão a presunção do segredo do conhecimento sexual. Na gnose o desejo de ocupar o lugar de Deus, o mesmo sentimento que é conferido ao diabo que resulta em sua queda, o que está associado a sua ideia de autonomia em relação ao outro. (Ferraz, 2005)

Desta forma, discursos diferentes podem fazer parte do mesmo sistema religioso, pelo menos durante algum tempo, pois estes irão surtir efeitos diferentes sobre o crente. Assim, a religião terá ou não um caráter diabólico em função de sua mensagem.

A religião pode assumir um caráter diabólico, quando, em decorrência de interesses alheios a sua própria natureza, induz o indivíduo a ações extremas de segregação, violência e crueldade, como a ocorrida em 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, a destruição das torres gêmeas do World Trade Center.

Sobretudo nos tempos que correm, representa do ponto de vista epistemológico, um risco e uma temeridade falar-se ou evocar-se temas como 'guerra santa', 'guerra justa', 'razões humanitárias', dado que, por trás dos actos aparentemente mais ingênuos (e não é preciso ser um profissional da suspeita para o supor), há sempre uma motivação política de fundo oculta, como estratégia de domínio e de poder, pelo que, qualquer acto de força e de violência, venha ele donde vier, representa na actualidade um acto de terror. (Farias, et all, 2002, p. 9)

Eibesfeld (apud Farias, et all, 2002) apresenta uma diferenciação interessante a respeito de agressividade e violência. A agressividade é um fenômeno pré-cultural, que faz parte de todo universo animal. O reino animal é marcado pela agressividade relacionado às disputas, como de território, das fêmeas, de

alimentos. Já a violência é um elemento cultural, próprio do ser humano como ser social.

Apesar desta diferenciação de termos, pode-se dizer que o homem se desenvolve em um ambiente violento, que ele está constituído dentro desta agressividade, desta violência.

A religião dentro deste contexto de violência cumpre um papel, que pode gerar efeitos diferentes, em função do seu objetivo. Ela pode tanto “sublimar, purificar a violência e a agressividade, como pode adensar e radicalizar”. (Farias, et all, 2002, p. 9)

A religião cumpre estes duplos propósitos pois, como tudo que é humano e criado por homens, a religião envolve paixões, ela as canaliza e as potencializa, através de uma idealização. “Ela reflete as sociedades em que se enquadram e provavelmente a natureza humana em geral” (Farias, et all, 2002, p. 27)

As atitudes radicais que se observa nas religiões estão relacionadas à violência. Esta violência, quando interiorizada, produzirá as lutas contra as injustiças sociais, contra a violência política, social e militar, dando origem a pessoas como Gandhi, Luther King, Teresa de Calcutá, e tantos outros. A misericórdia e a compaixão mantêm uma relação com a violência, a misericórdia e a compaixão são a internalização da própria violência. É o resultado do sofrer o sofrimento do outro. Quando esta violência é exteriorizada surgem os grandes crimes cometidos pela humanidade contra a humanidade, o terrorismo e a destruição de etnias completas. (Farias, et all, 2002)

O discurso religioso irá cumprir um papel fundamental, tanto para a internalização, como a externalização da violência, pois irá orientar aquelas pessoas que tiveram uma experiência religiosa. Ele pode ser tanto um elemento para a construção de uma sociedade melhor e mais justa, como também para a promoção de verdadeiras desgraças sociais. O que vai definir é o interesse por trás de quem produz o discurso religioso.

Além do discurso, outro elemento é o ídolo, visto que dentro das diversas religiões e também fora dela este elemento é encontrado. A relação entre o idólatra e o ídolo não é somente de adoração, mas também de imitação. O ídolo é o modelo que é desejado. Segundo Rene Girad (apud Farias, et all, 2002) ocorre uma relação de violência, pois ao mesmo tempo em que existe um convite para a imitação existe uma proibição por parte do ídolo ou mestre. Enquanto que também vai existir uma violência presente no idólatra ou discípulo devido o não atingir do seu objetivo da limitação estabelecida pelo ídolo ou mestre ao seu desenvolvimento. (Farias, et all, 2002.) Esta relação de violência está presente na explicação de Freud a respeito do Totem, onde um pai tinha vários filhos, que eram impedidos de coabitar com as fêmeas do bando por causa do pai (macho dominante), estes filhos planejam e executam a morte do pai, no entanto nenhum deles tem coragem de assumir o lugar do pai, por causa dos outros irmãos, e ao mesmo tempo, sentem remorso por causa da morte do pai. Desta forma surge o Totem como uma representação do pai morto, como um símbolo do remorso e do desejo não alcançado pelos filhos.

Assim, não se deve pensar a psicose e a neurose em termos de violência, pois a violência é algo inerente ao ser humano. Deve-se entender que estas patologias surgem exatamente como resultado de algum tipo de violência, que se não for o elemento causador é, em muitos casos, o elemento que irá promover o start destas condições. O indivíduo busca se livrar dos problemas através da ruptura com a realidade ou através de leis absurdas que dirigem as suas compulsões. A religião e a experiência religiosa surgem como um meio de conferir valores, uma forma de enfrentar a realidade. Servindo para regular e livrar o homem de sua alienação e de sua compulsão, isto pode ocorrer pelo método da substituição, que confere ao indivíduo uma condição melhor do que as observadas nestas patologias, porque lhes oferece uma identidade e significados que nortearão a sua existência.

## **Conversão**

Uma das experiências religiosas mais divulgada em nossos dias é a conversão. Ela pode se manifestar de uma forma intensa e emocional, como também de forma menos emocional, ao ponto de ser praticamente imperceptível.

Estas diferenças de conversões têm a sua origem nos fatores interno e externo. Como fator interno se faz referência à personalidade e os externos ao ambiente religioso, os quais estão correlacionados, pois este ambiente se compõe de pessoas com suas personalidades e sua religiosidade e é este ambiente que servirá de meio para o desenvolvimento da religiosidade destas pessoas e de outras e estabelecer em muitos aspectos como se dará a experiência religiosa em seu contexto.

Ao se falar sobre o desenvolvimento da personalidade, um dos elementos que deve ser considerado é a religiosidade do meio onde o indivíduo se devolve, pois ela o afetará profundamente. Esta ação da religiosidade do ambiente afetará o ser humano na sua formação psíquica, contribuindo ou não para a sua formação saudável, gerando material, que poderá fazê-lo mais resiliente em situações limites e ou apresentar-lhe um meio de escape psicológico que pode ocorrer na conversão.

A religião e seus rituais certamente forneceram o amálgama do grupo, as dos pais desejosos de se integrar e de não voltar ao país dos assassinos e transmitiram a seus filhos o gosto pela escola e pela criatividade (Cyrułnik, 2004, p.128)

A religião, quanto religiosidade, pode ser um destes fatores protetivos e/ou ser responsável pela geração destes tutores, que se tornarão referências com as quais a criança contará para sua superação de situações traumáticas. A religiosidade pode contribuir promovendo um ambiente de estabilidade e de aceitação, de valorização e de amor. Este ambiente será extremamente benéfico para o desenvolvimento da personalidade do indivíduo. Já de forma

direta, ele produzirá conteúdos internos que influenciarão a sua forma de ver o mundo e de reagir a ele. Quando esta religiosidade for doentia, o seu resultado será prejudicial ao desenvolvimento de sua personalidade, pois, gerará um ambiente de instabilidade e fornecerá conteúdos prejudiciais.

Os primeiros anos da vida da criança são extremamente importantes para a sua formação. Tanto é que, dentro da visão da Psicanálise, a religião tem sua origem nas relações parentais. É certo que, quando Freud fala de pai e mãe, ele não está falando necessariamente sobre o pai e a mãe biológicos, mas sobre símbolos que existem na própria pessoa. Este conteúdo, porém, pode ser modificado e adquirir novos significados a partir de sua relação com os familiares biológicos. É do conhecimento que o ajustamento de uma pessoa também está relacionado aos seus primeiros círculos de relacionamento, que é a família e outros tutores que estarão presentes na infância. Cyrulnik (2004) afirma a importância que existe nos primeiros anos de vida, o desenvolvimento bem ajustado da criança, para que ela se sirva de determinados tutores que irão desenvolver a característica de resiliência. Estes tutores definirão a postura da criança em momentos de crise, eles estarão presentes na pessoa por toda a sua vida, imersa em seu inconsciente.

Esta autora mostra que este ambiente de estabilidade também resulta de uma atitude, de uma postura de tranqüilidade e de estabilidade diante dos problemas da vida, Cyrulnik (2004), mostra como certas atitudes paternas de proteção mais exageradas afetaram negativamente a criança, criando um grau de dependência anormal em relação aos pais. Os pais passam para os filhos, em muitos aspectos, a sua forma de reagir ao mundo, e quando não, diante de uma personalidade forte, o filho pode desenvolver um estado de insegurança crônica que poderá se desenvolver em uma neurose, e limitá-lo em sua vida.

A forma de enfrentar os traumas da vida é algo muito importante, visto que a resiliência não significa não sofrer traumas,

mas superá-los, e esta característica poderá se desenvolver mais facilmente dentro de uma família bem ajustada, para a qual a religiosidade pode contribuir com seus valores e estabilidade.

A personalidade formada dará origem a um tipo de religiosidade. O tipo de religiosidade está associada ao tipo de relação que a pessoa estabelece com a religião. Assim, pessoa com personalidades doentes irão estabelecer uma relação doentia com a religião, a pessoa com personalidade saudável estabelecerá uma relação saudável com a religião. Desta forma a religião pode estar na base formadora da personalidade e a personalidade ser uma base formadora do tipo de religiosidade.

Para a compreensão da personalidade, alguns estudiosos desenvolveram teorias que tratam dos tipos psicológicos pode-se dar como exemplo as de Freud, Jung e Riemann. Eles não são os únicos, mas são representativos.

Freud (1931) irá apresentar de forma sucinta a sua teoria sobre os “tipos libidinais”, os quais ele divide em três – o erótico, o obsessivo e o narcísico. Destes tipos puros, surgirão os intermediários: erótico-obsessivo, erótico-narcísico e o obsessivo-narcísico. Devido as características por ele atribuído a estes tipos, ele confere como mais independente o tipo narcísico, que pode dar origem ao mais louvável herói ou ao mais detestável criminoso.

[...] o tipo narcísico, aqui tomado como protótipo do sujeito da recusa (do perverso, portanto) encontra-se, tal como descrito para o perverso, bem situado tanto para as inversões e revoluções. Porém, estas características que estão dentro do espectro dos tipos, contêm uma grande amplitude moral. Será a sua independência em relação ao outro e ao próprio superego que pode transformá-lo em herói ou criminoso. (Rosolato, apud Ferraz, 2005, p. 14)

Jung divide os tipos psicológicos em relação a disposição extrovertida ou introvertida. Os extrovertidos, racionalistas, voltados ao mundo, que vivem em harmonia com Deus e com o mundo. Os tipos introvertidos, místicos, melancólicos, sensíveis, dotados de fantasias, os trágicos e pessimistas. Estas características dos tipos

se evidenciam em relação a si mesmo ou em relação ao outro. (Jung, Vozes, 1991)

Outra teoria muito interessante a considerar, a medida que se pretende tratar sobre religião e patologias é a de e Fritz Rienemann (2005) apresenta uma divisão diferente dos tipos psicológicos, classificando as personalidades em: esquizóides, depressivas, compulsivas e histéricas. Estes tipos não são puros, eles se sobrepõem dando origem a personalidades complexas. Nesta tipologia, o ser humano tem uma tarefa básica, a de manter o equilíbrio entre as forças que o constitui. Este equilíbrio se definirá em função dos fatores inatos e das influencias do meio ambiente. (Rienemann, 2005, apud Fraas, 2007), podendo, em decorrência do desequilíbrio, dar origem a quadros patológicos.

Dentro destas três teorias, surge a questão que a luta da personalidade do indivíduo é manter o equilíbrio entre os tipos psicológicos que a compõem. Estes tipos psicológicos apresentam dois elementos constituintes, o genético e o cultural que, na teoria de Freud estão associados ao Conteúdo Arcaico e ao inconsciente; na Junguiana estão associados ao inconsciente coletivo e ao inconsciente individual.

A divisão de tipos psicológicos de Reinemann (2005, apud Fraas, 2007) de esquizóides, depressivas, compulsivas e histéricas, serve para refletir que muitos do que se chama de patologia, na realidade é uma situação de desequilíbrio da personalidade e que muitas delas em determinados momentos específicos do desenvolvimento humano, estiveram presentes na personalidade em formação. Estas patologias podem ser de caráter consciente, como na neurose ou pode ser uma ruptura com a realidade, como ocorre nas psicoses, que em algumas situações são de difícil reversão. Elas ocorrem tanto em pessoas religiosas como não religiosas.

Desta forma, parece que o problema da experiência religiosa está associado não à experiência em si, mas ao tipo de desenvolvimento da pessoa. A experiência religiosa em si, é mais

uma experiência da vida, que se dá num momento de crise, e que talvez, seja a melhor situação que a pessoa poderia vivenciar naquele momento.

Pensando na questão do uso abusivo de substâncias psicoativas, pode-se perceber que esta compulsão surge inicialmente da busca consciente ou inconsciente do indivíduo, de uma fuga da realidade.

Esta fuga pode se dar de uma forma aparentemente inocente, como é o caso do uso recreativo de substâncias psicoativas, ou de atitudes conscientes, onde o indivíduo se envolve com este tipo de substâncias para fugir de uma realidade conflituosa.

A experiência recreativa do uso de substâncias psicoativas pode se desenvolver, devido ao grande prazer associado ao seu consumo, isto poderá ser evitado através do conteúdo interno da pessoa, estes estão associados não somente à informação, mas aos sentimentos e aos valores familiares, que são reforçados pela religião e são interiorizados pela experiência religiosa, em muitos casos.

Quanto ao uso abusivo de substâncias psicoativas como fuga intencional da realidade, ela se dá em situações limite, assim como se dá a ruptura entre o conteúdo intelectual e o afeto de uma experiência, em uma personalidade doentia, que dará origem a neurose. Bem como a conversão que também se dá nesta situação limite, em muitos casos. Desta forma, percebe-se que a experiência religiosa, pode ser uma opção para que a pessoa se reorganize em outros termos que não seja o neurótico e o dependente químico.

Assim, percebe-se que alguns elementos aqui referidos fazem parte da cultura e da realidade do ser humano: os problemas, a religião e a disponibilidade de substâncias psicoativas. Não são os únicos, mas são elementos presentes. A religião e todas as experiências relacionadas a ela, como a religiosidade a experiência religiosa, pode ser um importante elemento preventivo e regulador do uso de substâncias psicoativas. A sua extinção e o seu combate, irão

gerar o empobrecimento do conteúdo simbólico-cultural do cotidiano, trazendo consequências prejudiciais ao ser humano.

Através dos costumes a esfera simbólico-cultural estende sua atuação para dentro do cotidiano. Os costumes servem para que as pessoas se ambientem psicologicamente e concretizem os elementos da fé na prática da vida. O desaparecimento dessas formas de expressão significa um empobrecimento da vida psíquica. É recomendável cultivar o existente (reavivá-lo mediante a reflexão sobre as atitudes originalmente expressas nessas formas) e reflorestar com cuidado (Fraas, 2007, p. 121)

A religião em suas várias formas de manifestação pode ser uma grande aliada no combate dos males sociais, isto porque ela é uma das grandes forças do ser humano.

[...] se olharmos para toda a vida mental de um homem, tal como ela existe, ou para a vida dos homens que neles jaz separada do saber e da ciência, e que eles seguem íntima e privadamente temos de confessar que a parte dele explicada pelo racionalismo é relativamente superficial. É a parte que tem o prestígio, sem dúvida, pois tem a loquacidade, [...]. Mas, de qualquer maneira, não vingará convencê-los nem convertê-los, se as suas intuições se opuserem à conclusão dela. Se os senhores possuem intuições, estas provêm de um nível mais profundo de sua natureza do que o nível loquaz habitado pelo racionalismo. Toda a sua vida subconsciente, seus impulsos, suas crenças, suas necessidades, suas adivinhações, preparam as premissas, de cujo resultado a sua consciência sente agora o peso; e alguma coisa os senhores sabem, de maneira absoluta, que esse resultado há de ser mais verdadeiro do que qualquer argumentação racionalista, por mais inteligente que seja, que possa contraditá-lo. A inferioridade do nível racionalista é tão manifesta quando o racionalismo argui em favor da religião do que quando argui contra ela. (James, 1991, p. 42)

## **A religião e sua relação com substâncias psicoativas na atualidade**

A força da religião é algo que se evidenciou no passado atribuindo valores que contribuiu para o uso não abusivo de substâncias psicoativas.

No presente, um registro sobre a religião conferindo valores ao uso de substâncias psicoativas pode ser observado no livro escrito por Carlos Castaneda, antropólogo que em 1968 apresentou em sua

dissertação de mestrado, a sua pesquisa de campo que consistiu em uma experiência pessoal com algumas substâncias alucinógenas. Sua dissertação tinha o nome de “*The Teachings of Don Juan - a Yaqui way of knowledge*” que foi traduzido no Brasil como: “Erva do Diabo”, título que limitou em muito a experiência que Castanheda (1975) apresenta em seu livro. Durante seu relato, ele fala que experimentou três substâncias psicoativas: o Peiote (Mescalito), a Datura e o Cogumelo Psilocybe.

Castanheda (1975) tinha uma postura cética quanto pesquisador. No entanto, na sua experiência com estas substâncias sempre sofreu um tensão, pois apesar de cético, ele sempre interrogara o nativo norte americano, Dom Juan, sobre a sua experiência com os alucinógenos, onde ele tinha a impressão que eles se comunicavam com ele de forma pessoal. O relato é de uma experiência religiosa, com seres que transcendem a realidade do pesquisador, sem que este mantivesse uma postura religiosa.

Desta forma, pode-se pensar na experiência com as substâncias psicoativas como uma experiência religiosa, na qual, apesar da procura da pessoa não ser necessariamente o transcendente, ela, devido à natureza destas substâncias, irá alcançar uma realidade que transcende a própria realidade.

A relação entre o uso das substâncias e a tradição é evidente no livro, vista através da recusa inicial de Don Juan em permitir que Castanheda (1975) experimente as ervas. Era necessário para Dom Juan que Castanheda tivesse um conhecimento íntimo, denominado como fibra e domínio de si mesmo, pois para o nativo norte americano o peiote não é brincadeira.

Você me pediu que lhe falasse sobre Mescalito disse ele. - Queria descobrir se tinha bastante fibra para encontrá-lo cara a cara. Mescalito não é brincadeira. Você tem de ter domínio sobre si. Agora, sei que posso admitir o seu simples desejo como um bom motivo para aprender. (Castanheda, 1975, p 35)

Dom Juan não fez caso de minha imagem, dizendo que o que eu sentia era seu poder inimaginável. E para lidar com aquele poder, disse ele, é preciso viver uma vida forte. A idéia de vida forte não só pertence ao período de preparação, como também acarreta a atitude do homem

depois da experiência. Disse que o fumo é tão forte que a gente só pode enfrentá-lo com força; senão, a vida da pessoa seria despedaçada. (Castanheda, 1975, p 130)

Estas substâncias seriam personificadas e ocupariam a função de guias, tendo cada uma um comportamento e até uma personalidade. O Peiote seria um mestre enquanto que a Datura seria um guia escravizador, e o Cogumelo um guia não escravizador. O uso destas substâncias conferiria propriedades mágicas ao homem, podendo se transformar em animais e até voar. Segundo Dom Juan esta experiência com o poder é algo perigoso enquanto o homem não estiver com o coração fortificado.

Ela modifica os homens. Dá-lhes um gosto do poder cedo demais, sem lhes fortificar os corações, tornando-os dominadores e imprevisíveis. Ela os torna fracos, no meio de grande poder. (Castanheda, 1975, p. 51)

Castanheda (1975), na experiência com as substâncias psicoativas, toma uma decisão em função de sua personalidade e o que ele buscava, ele opta pela Datura, a erva do diabo.

Esta experiência era um caminho que não era o único e nem era para todos os homens, isto deveria ser definido pela pessoa através da consulta de seu coração. Seu caráter religioso também é observado através dos ensinamentos dado por Dom Juan sobre a morte, onde os emissários, os animais nos quais ele se transformava pelo uso da substância psicoativa, viriam encontrar o usuário para levá-lo embora, neste momento de passagem.

Quando seus emissários prateados (os corvos) vierem buscá-lo, não precisa gritar. Basta voar com eles, como já fez. Depois de terem apanhado você, eles vão mudar de direção e serão quatro voando embora. (Castanheda, 1975, p. 157)

No Brasil existe outra prática religiosa associada ao uso de substâncias psicoativas, como a Ayahuasca, onde se observa que a religião exerce um controle sobre o uso desta. Este controle já foi mencionado em muitos trabalhos científicos e livros (*Oliveira, 2009*). Inclusive existindo relatos da transformação de um adicto em usos de substâncias psicoativas (cocaína e álcool) a partir de sua experiência com o Santo Daime. (Santos, Moraes, Holanda, 2006)

É certo que existem alguns elementos que são pré-requisitos nas histórias apresentadas nestes trabalhos de Oliveira (2009) e de Santos, Moraes e Holanda (2006), o mais marcante é a consciência da necessidade de se libertar da dependência química. Esta consciência é gerada por situações limites, que são produzidas pelo uso de substâncias psicoativas.

Nas pesquisas realizadas nestes trabalhos, observa-se o despertar da consciência da pessoa quanto à existência do outro, o que é atribuído ao Santo Daime, não somente ao chá, mas também a doutrina que busca promover o encontro do homem superior, o homem espiritual.

Apesar do uso de substância psicoativa nesta religião, esta não produz a dependência química, pois o seu uso está restringido e regulado pela prática do culto. Desta forma, o que se pode observar no Santo Daime é a “substituição da substância psicoativa pela religião”, observa-se a troca de um ritual irracional por um racional. Segundo Fromm (1966) um ritual racional difere do irracional, inicialmente pela sua função; o primeiro não tem por função afastar impulsos reprimidos, mas exprimir anseios que são reconhecidos como valiosos para o sujeito. O segundo é caracterizado pela qualidade obsessivo-compulsiva, como é o caso do abuso de substâncias psicoativas; se este não é realizado, o impulso reprimido ameaça manifestar-se. Desse modo, qualquer falha na realização do ritual provoca considerável ansiedade. Essas consequências não acompanham as faltas na realização do ritual racional; pode haver desgosto, mas nunca aparece medo. De fato, podemos reconhecer o ritual irracional pelo grau de medo produzido por qualquer violação ao mesmo. Vê-se aí, a manifestação imperiosa dos objetos internos maus, que afetam diretamente a percepção e representação da realidade externa e interna. Em um ritual racional, o que impera é a ação de um objeto interno bom, provendo a sensação de coerência interna, na qual o ‘contido’ faz sentido. Na existência de um sólido e consolidado objeto bom interno, a reparação é feita. (Oliveira, 2008)

Existe, porém, algo a ser observado, para não se incorrer nos mesmos erros do passado, a propensão da ciência, tão logo se reconheça a finalidade benéfica de uma erva, é isolar o princípio ativo que supostamente produz aquele benefício. No entanto, relembando, a perspectiva holística apresentada por Denise Ramos, o problema do homem precisa ser tratado dentro do aspecto simbólico, a ayahuasca tem um significado dentro de um culto específico como no passado a Coca e outras substâncias psicoativas tiveram seu significado. Este significado é um elemento de controle, que não será observado quando o princípio ativo for isolado e usado independente da ritual religioso. No Santo Daime, algumas características associados à limpeza espiritual e física como a “pea”, um mal-estar e vômito produzidos pela erva, pode deixar de existir, o que poderá levar ao uso indiscriminado e sem significado da substância. Na história das substâncias psicoativas deve-se lembrar como exemplo o fato ocorrido com Sigmund Freud, que para livrar o seu amigo Ernest Fleischl Marxow do uso abusivo da Morfina, recomendou que ele usasse cocaína, este amigo de Freud veio a morrer em decorrência da overdose de cocaína. (Reis Jr., 2009)

O controle do uso abusivo de substâncias psicoativas não é a mera substituição da substância por outra que produza menor dano. Este controle só será possível, a medida que o uso destas tenham um valor e um significado, e um dos locais em que este significado se encontra é no contexto religioso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho foi investigar, através de uma pesquisa de cunho teórico, se a experiência religiosa poderia conferir regulação e proteção para o uso abusivo de substâncias psicoativas. A hipótese trabalhada era de que a religiosidade conferia um fator de proteção para a dependência química, desde que a experiência existencial do sujeito no grupo religioso e no contato com o transcendente no qual se crê seja significativo para o sujeito. Assim, os objetivos da pesquisa foram investigar e conhecer os meios e a relação pelos quais a experiência religiosa influencia o comportamento humano quanto ao uso dessas substâncias.

As posições que envolvem o uso abusivo de substâncias psicoativas, culminando com a dependência química e as qualificações que se faz a respeito da Religião e os outros temas a ela correlatos, como experiência religiosa e religiosidade, é o resultado de uma construção de ideias que se formou historicamente.

Dentro destas construções está presente a questão do uso de substâncias psicoativas, tanto na luta pela hegemonia de uma única linha de religião como no processo de dominação e destruição da identidade de um povo conquistado. Vê-se a regulamentação e a perseguição de quem faz uso de algumas substâncias psicoativas, normalmente relacionada à cultura dominada e ou o uso controlado destas substâncias vinculadas ao culto religioso.

O discurso pejorativo quanto ao uso de substâncias psicoativas é um discurso moderno, que é apoiado pela sociedade, devido ao conceito que se formou a respeito do homem de bem, que é o homem produtivo. À medida que o uso da substância faz com que o homem não seja produtivo, ele já não é tolerado.

Esta falta de tolerância demonstra-se através das identificações, que também são resultados de uma construção social. Uma identificação que é comum é a associação do uso de substância

psicoativa com doença. As definições de doença e enfermidade são construídas culturalmente, sendo resultado de muitos conceitos, dentre eles o religioso, o médico-científico e o econômico, variando com a época e com a percepção que o povo tem sobre o problema específico.

Sabendo desta construção, que reflete sobre o olhar que se tem sobre o ser humano, que muitas vezes o divide em compartimento estanques de sua individualidade, desconsiderando a unidade que o envolve, e que por isso precisa ser visto e tratado de forma holística.

Esta visão do homem irá produzir uma grande diferenciação a respeito do conceito de doença, onde deixa de ser o problema em si e passa a ser o sintoma de um problema mais profundo, que dentro da teoria holística, que foi desenvolvida a partir dos estudos de C.G. Jung, as dimensões corpo e psique se correspondem de tal forma que tudo que afeta o corpo afeta a psique e tudo que afeta a psique afeta o corpo dentro de uma sincronicidade perfeita. Desta forma, a visão que se deve ter das doenças e enfermidades que acomete o homem, passa a ter uma significação diferente, ela deixa de ser o problema em si e passa a ser o sintoma de um problema mais profundo.

O uso abusivo e a dependência química deixam de ser doença e passam a ser sintoma de uma doença mais profunda que, se não tratada, faz com que o sintoma persista. Este problema está na dimensão do corpo sutil - a falta de significado e sentido existencial.

Tais problemas, neste trabalho são abordados através das questões simbólicas e de identidade. Este problema de identidade está associado ao momento atual de nossa história, isto porque na pós-modernidade e nos momentos em que a antecedeu, observa-se a perda da significação dos vínculos e a fluidificação dos relacionamentos, refletidos em todas as esferas de atuação humana. A identidade, a personalidade, o caráter são construídos em relação ao outro e também no aspecto religioso a fé e a religiosidade. Assim,

à medida que as relações se fluidificam e perdem ou adquirem significado estes aspectos humanos também sofrerão profundas transformações, o que pode gerar o adoecimento da própria sociedade, que corresponde ao adoecimento do indivíduo.

A questão de identidade irá envolver todos os grupos de pessoa que procuram tanto as substâncias psicoativas como a experiência religiosa, inclusive aqueles que são discriminados como neuróticos e psicóticos. Enquanto os psicóticos buscam as substâncias psicoativas, não por causa de seus efeitos, pois eles já fazem parte do quadro da psicose, mas por causa de sua identidade, visto que socialmente é mais aceitável o dependente químico do que o doente mental, além disto, o uso desta substância irá colocá-lo numa relação com outros usuários e com os traficantes, estabelecendo um tipo de relacionamento que muitos não teriam em seus contextos.

Já os neuróticos farão uso da substância psicoativa e da própria religião como uma forma de reorganizar a realidade, que implicará em certas ocasiões, na religião como fuga da realidade, e freqüentemente no uso abusivo das substâncias psicoativas. Este objetivo irá estabelecer a forma de uso, a sua freqüência e a sua quantidade.

Desta forma, o remédio para um problema social, só pode ser fornecido através da própria sociedade. É ela que confere os valores, que altera os significados, que confere a identidade. Assim, a sociedade precisa rever os valores e os rumos que ela está tomando, com a perda da importância dos relacionamentos, a própria vida perde a importância, e quando a vida perde a importância, a pessoa está pronta para trilhar qualquer caminho.

Os vínculos sociais são um dos meios necessário para o tratamento deste problema profundo que é refletido no uso abusivo de substâncias psicoativas. Os pais, a família, a escola e os demais meios sociais são meios protetivos contra o uso abusivo dessas substâncias, porque eles dão significado, geram nas pessoas a

resiliência necessária para suportar as pressões e os problemas da vida. A resiliência surge a partir dos tutores que se desenvolverão através das motivações e da forma como a família e os outros meios sociais que a criança participa reagem as situações da vida. Uma criança que se desenvolve em um ambiente bem ajustado, tende a ser um adulto bem ajustado, podendo reagir de forma equilibrada às dificuldades.

Uma pessoa resiliente tenderá a uma relação bem ajustada no que diz respeito ao uso de substâncias psicoativas, pois além das normas sociais restritivas, ela terá estes tutores internos que orientarão sua postura diante dos problemas da vida, esta orientação pode interferir para que ela faça o uso abusivo das substâncias como um meio de fuga, nem permitirá que ela tenha uma relação doentia com a religião, através de experiências religiosas, pois a experiência religiosa, quando doentia, pode ser um mero escape da realidade.

De modo sintético, esta pesquisa aponta que, desde a Antiguidade existem relatos da relação entre o uso de substâncias psicoativas e a experiência religiosa, inclusive com introdução regulada destas substâncias nos ritos e cultos de diferentes manifestações religiosas. Esta relação nem sempre é protetiva, no sentido do mal-estar físico e psicológico que seu uso pode provocar; porém acaba sendo protetiva contra o uso abusivo, quando restringe seu uso ao culto ou celebrações, evitando a dependência química (é o caso do Bacanais Gregos, do uso da coca entre os Incas, da yauasca no culto do Santo Daime ou do vinho para o Cristianismo).

No que se refere a importância da experiência religiosa como experiência psicológica, essa compilação aponta que a religiosidade fornece subsídios para a elaboração da identidade pessoal e comunitária, favorecendo o desenvolvimento da resiliência – elemento fundamental para a capacidade de enfrentamento das tensões da vida, transformando as dificuldades em forças positivas, com resultados positivos para si e para o outro. No que tange ao objeto específico deste trabalho, isto favorece a integração da

personalidade do dependente químico, fortalecendo-a para um uso moderado ou até mesmo a abstinência destas substâncias.

Em alguns casos, entretanto, como apontam a Filosofia, a Psicologia e a Sociologia, a religião pode ser alienante, expressão da necessidade infantil de proteção, ou até mesmo doentia. Nestes casos, não podemos falar de uma experiência religiosa protetiva e reguladora do comportamento humano, uma vez que esta não ocorre de modo simbólico e profundo para o sujeito, mas apenas como agente moral.

A relação da pessoa com a religião e as substâncias psicoativas pode ser equilibrada. A religião, dentro da perspectiva do equilíbrio, contribuirá fornecendo valores que nortearão o uso das substâncias psicoativas. No caso do vinho, que é uma bebida alcoólica, a Bíblia apresenta situações de embriaguez, que trouxeram problemas em decorrência da forma de ver do outro. Ela regula o uso desta substância, condenando a prática abusiva, mas ao mesmo tempo associando o uso do vinho aos momentos festivos. Ela diz que o uso das bebidas fortes é para as pessoas enfermas e amarguradas de coração (BÍBLIA, V. T. Provérbios de Salomão, 1996. Cap. 31, vers. 6.), já apontando para a ingestão destas substâncias como o resultado de um problema interno do ser humano.

A normalização parece ser melhor que a proibição, pois a proibição produz no homem uma atração. A substância psicoativa de uso proibido gera no homem um fetiche, enquanto que o uso normalizado é possível até mesmo dentro do contexto religioso, como é o caso do Santo Daime, onde a yauasca tem seu efeito psicoativo, mas que acontece dentro dos limites simbólicos atribuído pela religião.

Desta forma, o uso abusivo de substâncias psicoativas e a religião são elementos que fazem parte da cultura, elas estão associadas desde tempo imemoráveis. Uma participa da outra, e a religião conferiu valores a esta substância, que foram afirmados por meio das famílias e dos clãs dos quais o indivíduo fazia parte. A

retomada destes valores sociais pode ser um meio pelo qual, este sintoma de um problema existencial e social mais profundo, pode ser tratado, porque vai além dos tratamentos medicamentosos, está na esfera de um tratamento psicológico que envolve não só a pessoa, mas a própria comunidade que a circunda.

Por fim, este trabalho levanta o incentivo a trabalhos posteriores, que pretendam abordar a questão do uso abusivo de substâncias psicoativas como algo tratável a partir de uma visão holística do ser humano e de sua sociedade, avaliando como a reestruturação dos relacionamentos sociais ira produzir no homem uma reestruturação de si mesmo, através do significado, da identidade e do simbólico. Uma pesquisa de campo de cunho quantitativo e qualitativo poderia oferecer conhecimentos e subsídios técnicos com seus resultados para a prevenção do uso abusivo destas substâncias, bem como apontar meio de acolhimento e tratamento nos casos já efetivos.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Alexander Moreira. *Fenomenologia das experiências mediúnicas, perfil e psicopatologia de médiuns espíritas*. 2004. Tese (Doutorado em Psiquiatria), Faculdade de medicina da Universidade de São Paulo. 2004)

ALMEIDA FILHO, Noamar de; COELHO, Maria Thereza Ávila; PERES, Maria Fernanda Tourinho. *O Conceito de Saúde Mental*. REVISTA USP, São Paulo, n.43, p. 100-125, setembro/novembro 1999

ÁVILA, Antonio. *Para conhecer a Psicologia da Religião*. São Paulo: Loyola, 2007

BIBLIA, V. T. Provérbios de Salomão. Português. Bíblia sagrada. 2ª Edição. Versão de João Ferreira de Almeida São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1996.

BONOME, José Roberto. *Religião: construção e interpretação de mundos*. Anápolis: Associação Educativa Evangélica, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001

CALVINO, *Institutas*. Tomo I. 2ª Edição, São Paulo: Cultura Cristã, 1984.

CAMPBELL, Joseph,. *Mitologia na vida moderna: ensaios selecionados de Joseph Campbell*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.

\_\_\_\_\_. *O herói de mil faces*. 6. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2000.

CYRULNIK, Boris. *Os Patinhos Feios*. São Paulo: Martins Editora, 2004.

DURKHEIM, Émile. *Formas elementares da vida religiosa, as: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 2000

DIEHL, Alessandra; CORDEIRO, Daniel Cruz; LARANJEIRA, Ronaldo. *Dependencia Química: Prevenção, Tratamento e Políticas Públicas*. 1ª Edição, São Paulo: Artmed, 2011

ESCOHOTADO, Antonio. *Historia General de las drogas*. 5ª Edição, Madrid: Editorial Espasa Calpe S.A., 2002

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001

\_\_\_\_\_. *Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FADDEN, J. Mc. *Filosofia do comunismo*. 2ª edição, Lisboa: União gráfica, 1963.

FARIAS, José Jacinto Ferreira de; STILWELL, Peter; NEVES, Joaquim Carreira das. *Religião e violência*. São Paulo: Paulus, 2002.

FERRAZ, Flavio Carvalho. *Tempo e ato na perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005

\_\_\_\_\_. *Perversão e neurose obsessiva*. Reverso – Belo Horizonte – ano 27 – n. 52 – set. 2005 -p. 14, 15

FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. 1ª Edição, Petrópolis, RJ : Vozes, 2007.

FRAAS, Hans-Jürgen. *A Religiosidade Humana: Compendio de Psicologia da Religião*. 2ª Edição. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1978a.

\_\_\_\_\_. FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1978b.

\_\_\_\_\_. *Psicologia do grupo e análise do ego*. IN Freud, S., *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*; edição standard brasileira, Volume XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1995

FOUCAULT, Michel. *A História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978,

GIUMBELLI, Emerson. Artigo: *A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil*. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-85872008000200005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872008000200005).

HABERMAS, Jürgen. *Verdade e Justificação: Ensaio Filosófico*. São Paulo: Loyola, 2004.

HALPERN, Ricardo; FIGUEIRA, Amira C. M.. Artigo: *Influências Ambientais na saúde mental de crianças*. IN: *Jornal de Pediatria*. Sociedade brasileira de pediatria. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/jped/v80n2s0/v80n2Sa12.pdf>

HUME, David. *História Natural da Religião*. São Paulo: UNESP, 2005.

JAMES, Willian. *As variedades das experiências religiosas*. São Paulo, Cultrix, 1991.

JUNG, C.G. *Psicologia e Religião*. 6ª edição, Petrópolis: Vozes, 1999.

KANT, Emanuel. *A Religião nos Limites da Simples Razão*. 2ª Edição, São Paulo, Editora Escala, 1974.

Koenig, H.G. *Religião, espiritualidade e transtornos psicóticos*. Revista de Psiquiatria Clínica. São Paulo no. 34, supl 1; 95-104, 2007. Disponível em <http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol34/s1/95.html>. (Acesso em 18 de maio de 2013)

LOTUFO NETO, Francisco. *Influências da religião sobre a saúde mental*. Santo André: ESETec, 2009.

MARINO JR., Raul. *A religião do cérebro: as novas descobertas da neurociências a respeito da fé humana*. 2ª Edição São Paulo: Gente, 2005.

MARTELLI, Stefano. *A religião na Sociedade Pós-Moderna: Entre Secularização e Dessecularização*. São Paulo : Paulinas, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Genealogia da Moral*. São Paulo: Editora Escala, 2009.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os Aspectos Irracionais na Noção do Divino e sua Relação com o Racional*. 1ª Edição, São Leopoldo:Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Livia Pires Martins de. *A Espiritualidade a Serviço da Transformação: O Santo Daime na Reestruturação do Funcionamento Psíquico de Drogadictos*. Disponível em <http://psicologiadareligiao.files.wordpress.com/2008/05/drogadicao-e-espiritualidade-daime-liveaoliveira.pdf> Acessado em 21/04/2013)

\_\_\_\_\_. Os soldados da Rainha da Floresta: A identidade religiosa nos adeptos da doutrina do Santo Daime. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.

PAIVA, Geraldo José de. *Identidade e Pluralismo: Identidade Religiosa em Adeptos Brasileiros de Novas Religiões Japonesas*. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Jan-Abr 2004, Vol. 20 n. 1, pp. 021-029

\_\_\_\_\_. *Espiritualidade e Qualidade de vida: Pesquisas em Psicologia*. In: Teixeira, Evilázio Francisco Borges. *Espiritualidade e Qualidade de Vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

\_\_\_\_\_. Seicho-no-iê. In: Leilah Landim. (Org.). *Sinais dos Tempos. Diversidade Religiosa no Brasil*. 1 ed. Rio de Janeiro: ISER, 1990, v. 1, p. 181-186.

PIERUCCI, A. F. (2000). Caderno Mais! Jornal Folha de SP, 31/12/2000

RAMOS, Denise Gimenez. *A psique do corpo: a dimensão simbólica da doença*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Summus, 2006.

REINEMANN, Fritz. *Formale Fundamentale ale Angoasei: Studiu de Psihologie Abisala*. 36ª Edição. Bucuresti: Editora Trei, 2005.

REIS Jr., Almiro dos. Sigmund Freud (1856-1939) e Karl Köller (1857-1944) e a descoberta da anestesia local. In [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-70942009000200013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-70942009000200013). Acessado em 21/05/2013.

ROVIGLI, Sofia Vanni. *História da filosofia contemporânea do século XIX à neoescolástica*. São Paulo: Loyola, 1999.

SANTOS, Rafael Guimaraes dos; Moraes, Celia Carvalho de; Holanda, Adriano. *Ayahuasca e Redução do Uso Abusivo de Psicoativos: Eficácia Terapêutica? Psicologia: Teoria e Pesquisa, Set-Dez 2006, Vol. 22 n. 3, pp. 363-370*

SARRIERA, José Castellá, *Saúde, bem-estar espiritual e qualidade de vida: pressupostos teóricos e pesquisas atuais*. In: Evilázio Francisco Borges Teixeira (org.). *Espiritualidade e Qualidade de Vida*. Porto Alegre: ediPUCRS, 2004.

SCHÜTZ, Rosalvo. *Religião e Capitalismo: uma reflexão a partir de Feuerbach e Marx*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

Synan, Vinson. *O Século do Espírito Santo*. São Paulo: Editora Vida, 2009

TAVARES, Beatriz Granck, BÉRIA Jorge Umberto e LIMA Maurício Silva de. *Fatores associados ao uso de drogas entre adolescentes escolares*. IN: Revista Saúde Publica. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v38n6/06.pdf>

TEIXEIRA, Evilázio F.B.; MÜLLER, Marisa C.; SILVA Juliana D. T. da. *Espiritualidade e Qualidade de Vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

TINOCO, Rui. notas sobre a construção psicossocial da identidade desviante da toxicodependência, 1999. Disponível em [http://www.psicologia.pt/artigos/ver\\_artigo.php?codigo=A0169](http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0169). Acesso em 15 de maio.

UZILLES, Urbano, *Filosofia da Religião*. São Paulo: Paulus, 1991

VALLE, Edênio. *Psicologia e experiência religiosa: estudos introdutórios*. São Paulo: Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_. *Psicologia e experiência religiosa*. São Paulo: Loyola, 2002.

Voltaire, *O Tumulo do Fanatismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.